

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DISCURSOS TEÓRICOS, CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS E MODALIDADES
PEDAGÓGICAS NA CONFERÊNCIA NACIONAL DE ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA
EDUCAÇÃO - CONANE**

NATÁLIA DE OLIVEIRA SILVA

Brasília – DF
2018

Natália de Oliveira Silva

**DISCURSOS TEÓRICOS, CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS E MODALIDADES
PEDAGÓGICAS NA CONFERÊNCIA NACIONAL DE ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA
EDUCAÇÃO - CONANE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Comissão examinadora da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fátima Lucília Vidal
Rodrigues

Brasília – DF
2018

SILVA, Natália de Oliveira

Ensaio: Discursos teóricos, concepções educacionais e modalidades pedagógicas na Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação. Brasília: UnB. 2018. p. 125.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2018. Natália de Oliveira Silva.

**DISCURSOS TEÓRICOS, CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS E MODALIDADES
PEDAGÓGICAS NA CONFERÊNCIA NACIONAL DE ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA
EDUCAÇÃO - CONANE**

Trabalho de final de curso apresentado à
Comissão examinadora da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Defendida e aprovada em 23 de Fevereiro de 2018.

Prof.^a Dr.^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Maria Alexandra Militão Rodrigues
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Cláudia Guilmar Linhares Sanz
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Rita Silvana Santana
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família. Vocês sempre foram essenciais para o meu sucesso em toda e qualquer aventura em que me arrisquei. Agradeço especialmente à minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão, por nunca medirem esforços para me verem feliz! Não posso me esquecer de agradecer ao Nick, à Amora e à Jurema, que me fizeram companhia durante toda a escrita.

Agradeço à Francisca, Hilda e Gardênia, mulheres tão responsáveis pela minha criação quanto meus pais. Muito obrigada pelo trabalho de cuidado, parceria e dedicação que tiveram comigo e com meu irmão enquanto trabalharam na nossa casa e até hoje.

À Universidade de Brasília eu agradeço por me proporcionar uma formação exemplar, apesar de todas as dificuldades pelas quais tem passado. Viva a educação superior pública, gratuita e de qualidade!

Sou grata aos educadores e às educadoras que passaram por minha trajetória de formação acadêmica, desde o maternal até o final da graduação. Tenho grande admiração por alguns professores que me acompanharam na Universidade de Brasília. Obrigada, Daniel Jatobá, por me desafiar a escrever algo original pela primeira vez no ambiente universitário na disciplina Cinema, Literatura e Política. No curso de Pedagogia, agradeço a Renato Hilário, Luiz Araújo, Tatiana Lionço, Juliana Lopes, Alexandra Rodrigues, Antônio Villar, Patrícia Pederiva, Paula Gomes, Graciella Watanabe, Davi Junior, Rita Silvana Santana, Cláudia Dansa, Antônio Fávero, Reinaldo da Costa Junior e Nathália Cassettari.

O agradecimento é especial à Cláudia Guilmar Linhares Sanz, minha orientadora de PROIC, professora da disciplina Práticas Midiáticas na Educação, parceira de projetos e sonhos; à Simone Lima, que não foi minha professora no sentido estrito, mas esteve muito presente ao longo de todo o meu curso nos espaços da UnB e fora dela, inspirando-me das mais diversas formas, e à minha orientadora, Fátima Vidal Rodrigues, por todo o compromisso, pela disponibilidade e generosidade que sempre estiveram presentes no anos em que estivemos juntas em tantas situações e também na realização deste trabalho.

À banca examinadora pela leitura cuidadosa o meu agradecimento.

Agradeço à extensão universitária de forma geral, destacando as oportunidades que ela proporciona às pessoas. A extensão foi fundamental na minha trajetória acadêmica, cívica e pessoal ao longo de todos esses anos.

Agradeço ao PEAC Política na Escola. Foi na antiga Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FA que me encontrei com a extensão universitária, com o Movimento Estudantil e com a Educação como prática de liberdade.

Sou grata ao PEAC Livros Abertos, o qual todos contam que foi fundamental na minha decisão de mudança de curso na graduação. Lá eu me encantei pelo universo da

infância e suas narrativas.

Agradeço ao PEAC Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras: Projeto Autonomia e ao Fórum de Educadores do Distrito Federal, que me acolheram em toda sua diversidade assim que entrei na Faculdade de Educação – FE. As tardes de quarta foram, por muito tempo, o ponto alto da semana.

Agradeço aos integrantes do PEAC Alumiar, com quem construímos um projeto incrível juntos. Vou carregar nossas experiências na memória por onde eu for. Obrigada, Helena, Bia, Lídice, Tiago, Flaésio e Aluízio. Vida longa ao Alumiar!

Sou grata ao PEAC Semilleros de Investigação, que sempre tive como projeto parceiro e que proporcionou meu encontro com o Professor Pedro Gontijo no tempo de sementeira, no qual falamos sobre Gilles Deleuze e a cartografia, conversa muito importante para minhas reflexões ao longo deste trabalho.

Agradeço aos servidores e trabalhadores terceirizados da Universidade de Brasília, especialmente ao Beto, à Meire e ao Antônio, que tornaram os caminhos burocráticos menos desagradáveis graças à realização de um trabalho competente e atencioso.

Agradeço à equipe que trabalhou comigo na Secretaria de Direitos Humanos, no âmbito da Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente, dentro do Programa Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. Eu era estagiária de Direito, e vocês me inspiraram a trabalhar com desenvolvimento humano, pela primeira vez.

Sou grata às mulheres que estiveram comigo na construção da Marcha das Vadias do DF de 2013 por me ensinarem muito sobre ação direta, militância, feminismos e intersectorialidade, além de me permitirem entender mais sobre as formas de ser mulher no Brasil de ontem e de hoje.

Agradeço à Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo e às minhas parcerias de turma Diego, Clarice e Lia. Quisera eu ter sido uma criança da Vivendo! – Vocês me ensinaram muito. Eu gostaria de ter passado mais tempo aí!

Agradeço à Escola Classe Bela Vista, de São Sebastião, por proporcionar o contato com o trabalho de tantas educadoras e educadores inspiradores, especialmente à professora regente que acompanhei, Paula Lobo.

Sou grata à Escola Classe Sonhém de Cima. – Com vocês conheci uma outra escola pública possível na prática.

Agradeço ao meu companheiro, Mudita, e à sua família, que me apoiaram, com muito amor, em todos os momentos bons e ruins nos últimos anos da graduação.

Por fim, agradeço a todas as amigas e aos amigos que me apoiaram até hoje, especialmente às pessoas que estiveram mais próximas, amigas antigas e recentes, mesmo quando me afastei. Cissa, Natália e Gabs, vocês são os irmãos que eu escolhi!

SILVA, Natália de Oliveira. **Concepções educacionais na Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação – CONANE**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia), Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, p. 125, 2018.

RESUMO

O trabalho a seguir tem o objetivo de investigar as concepções educacionais apresentadas por diferentes agentes do movimento de educação alternativa e inovadora, no início do século XXI, participantes das três edições da Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação – CONANE. A intenção deste trabalho também é problematizar os resultados obtidos para facilitar a visualização das diferentes tendências encontradas. A metodologia realizada foi a pesquisa qualitativa, utilizando-se de pesquisa documental, transcrição de áudios, dinâmicas conversacionais, entrevistas e análise de redes sociais por descritores. A referência bibliográfica apresenta uma discussão crítica alicerçada nos autores José Carlos Libâneo (2005 e 2014), Tathyana Barrera (2016) e Moacyr Gadotti (2000), para citar alguns. Identificamos na pesquisa que a CONANE caminha para a predominância de três discursos teóricos: as teorias críticas, especialmente a Teoria Histórico-Cultural; as teorias pós-modernas, entre elas o Pós-Estruturalismo, e as teorias pós-coloniais e decoloniais, que dialogam principalmente com a Teoria da Complexidade e com a militância intersetorial.

Palavras-chave: Concepções educacionais; Educação inovadora; Educação alternativa

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadrinhos:

Quadrinho 1: Macanudo 6, de Liniers, p.41 (2013)	13
Quadrinho 2: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 58 (2012).....	23
Quadrinho 3: Toda Mafalda, de Quino, p.407 (2010).	57

Tabelas:

Tabela 1: Tendências pedagógicas	28
Tabela 2: Teorias pedagógicas modernas	30

Gráficos:

Gráfico 1: Faixa etária dos sujeitos entrevistados	43
Gráfico 2: Gênero dos sujeitos entrevistados.....	43
Gráfico 3: Histórico de participação nas edições da CONANE dos sujeitos entrevistados ...	45

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAP	Comunidade de Aprendizagem do Paranoá
CONANE	Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação
EAPE	Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação
ENA	Encuentro Nuestra América
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
PEAC	Projeto de Extensão de Ação Contínua
PROIC	Projeto de Iniciação Científica
PNEVSCA	Programa Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes
SDH-PR	Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República
SNPDCA	Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente
SRI-PR	Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
PARTE 1- MEMORIAL.....	14
“A menina e o mundo”	14
“A educação proibida”	16
“Território do brincar”	18
“Pro dia nascer feliz”	19
“O que é educação pra você?”	20
PARTE 2- MONOGRAFIA	24
INTRODUÇÃO	24
Objetivo Geral.....	25
Objetivos específicos.....	25
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	27
1.1 Concepções pedagógicas.....	27
1.2. A conjuntura do movimento de educação inovadora e alternativa.....	35
2. METODOLOGIA	37
2.1. Pesquisa documental.....	38
2.2. Dinâmicas conversacionais.....	38
2.3 Entrevistas.....	39
2.4. Análise de redes sociais por descritores	40
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	41
3.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa	42
3.2 Concepções educacionais e problematização das respostas encontradas	45
3.2.1 Concepção de educação dos facilitadores de diálogos na CONANE	45
3.2.2. Definições de uma prática inovadora e/ou alternativa em educação.....	47
3.2.3. Possibilidades práticas de educação inovadora e/ou alternativa.....	50
3.2.4 Educação e política: possibilidades na CONANE.....	52
3.2.5 A CONANE como espaço formativo docente	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
PARTE 3- PERSPECTIVAS FUTURAS.....	58
“Quando sinto que já sei”	58
REFERÊNCIAS	59
REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS	61
APÊNDICE	62
Apêndice A: Termo de Consentimento livre e esclarecido.....	63

Apêndice B: Questionário Perfil CONANE.....	64
ANEXO.....	65
Anexo A: Programação I CONANE	66
Anexo B: Programação II CONANE	67
Anexo C: Programação III CONANE	70
Anexo D: Facilitações gráficas da CONANE 2017	76
Anexo E: Acervo de quadrinhos da pesquisa	79

APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso encerra o processo de formação inicial no curso de Pedagogia. Encontra-se organizado em três partes: memorial, monografia e perspectivas futuras.

O memorial é um relato sobre minha história pessoal e acadêmica, os caminhos que trilhei para chegar ao curso de Pedagogia, meu histórico acadêmico e profissional no curso. Relata também alguns apontamentos sobre a escolha do tema de estudo na monografia a seguir.

A monografia abrange cinco capítulos – introdução, fundamentação teórica, metodologia, análise e discussão e considerações Finais. Trata de uma pesquisa que visa investigar as concepções educacionais de participantes mediadores da Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação – CONANE.

A terceira e última parte do trabalho refere-se às perspectivas futuras, nas quais falo sobre meus planejamentos, minhas expectativas e meus sonhos como educadora daqui em diante.



Quadrinho 1: *Macanudo 6*, de Liniers, p.41 (2013)

*“Aprendemos tan bién que lo primero que aprendemos
en la escuela es que no podemos aprender.”
(Silvia López de Maturana)*

PARTE 1- MEMORIAL

“A menina e o mundo”

Nasci em Brasília no dia 11 de setembro de 1990. Brinco que sou uma brasiliense da gema, porque meu pai nasceu em Planaltina, em 1962, e minha mãe nasceu no Rio de Janeiro – mas veio com apenas três anos de idade para a nova capital, em 1970. Valorizo muito a história dos meus antepassados e tenho orgulho da origem pobre de meus avós em Juazeiro do Norte e em Cedro – no Ceará –, assim como em Cássia – Minas Gerais – e em São José do Egito – Pernambuco.

Meus pais se revezavam no cuidado comigo até minha mãe voltar a trabalhar. Depois disso, contrataram uma babá para estar comigo enquanto eles não estavam em casa. O primeiro espaço escolar que frequentei foi a Escola Maria Montessori, na 913 sul, quando eu tinha 2 anos de idade. Não consigo me lembrar de quase nada que vivi nessa escola, e tudo que sei desse período foi contado pelos meus pais ou veio de fotografias misturadas com fragmentos de memória. Eu amava estar lá. Segundo minha mãe, quem sofreu no meu primeiro dia foi ela, porque eu me despedi e nem olhei para trás.

No entanto, fiquei lá poucos meses. Logo saí da escola, porque eu era a única criança que ia e Kombi. Cheguei à conclusão de que, se meus pais não me levassem, eu simplesmente não iria mais. Como na época a Francisca trabalhava na nossa casa e gostava muito de cuidar de mim, meus pais agiram conforme minha vontade e me tiraram da escola, para onde só retornei dois anos depois, no primeiro período da educação infantil.

Depois desse intervalo sem frequentar a escola, fui matriculada na Escola Classe 108 Sul, ocasião em que não mais existia a questão do transporte, uma vez que nós morávamos na 109 sul. Eu ia para a escola e dela voltava caminhando com a Ana, que trabalhava como empregada doméstica na casa da vizinha.

Inaugurada em 1960, mesmo ano da inauguração da cidade de Brasília, a Escola Classe 108 Sul compõe a superquadra-modelo projetada por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer e o plano de educação de integração Jardim de Infância/Escola-Classe e Escola-Parque, de Anísio Teixeira.

A principal lembrança que tenho dessa escola é que as turmas eram nomeadas pela cor da porta da sala que ocupava. Sei que meus pais eram bem presentes na gestão comunitária, inclusive chegaram a fazer pequenas reformas nos mutirões da escola. Lá eu fui premiada com o primeiro lugar da Regional de Ensino do Plano Piloto por ter feito um semáforo de caixa de ovo em uma atividade da escola. Minha professora também foi premiada. Ficamos muito orgulhosas por termos representado a Escola Classe 108 sul na premiação. Recebi o troféu das mãos do então governador Cristovam Buarque, que fez um

discurso sobre segurança no trânsito e nomeou os ganhadores do concurso guardiões da paz no trânsito do Distrito Federal. Até hoje eu guardo meu troféu e minha medalha, e por muito tempo eu fiscalizei, de maneira bem ativa, a direção do meu pai e a da minha mãe. Hoje sou motorista e pedestre na cidade, consciente de que minhas ações têm efeitos na minha vida e na das outras pessoas.

Com sete anos, fui estudar no INEI, minha escola do coração. São de lá minhas principais memórias dos tempos escolares. Foi lá que eu aprendi a ler e a escrever. Lembro-me até hoje de como foi boa a sensação de finalmente entender o que as letras organizadas no papel queriam dizer. Foi no INEI que conheci a maioria das pessoas que até hoje são minhas melhores amigas.

Eu e meu irmão, que estudávamos à tarde, íamos para a escola e dela voltávamos no transporte escolar da Tia Wanusa, uma professora de artes da Fundação que também dirigia uma van. No caminho, ela nos contava muitas histórias de fantasia, terror e aventura. Engraçado, mas considero que a Tia Wanusa foi uma pessoa muito mais presente na minha formação que algumas professoras, porque ela demonstrava um afeto que eu não sentia em sala de aula.

Passei muitos anos da minha vida no INEI jogando queimada no recreio, comendo o pastel da cantina, treinando handball na seleção, praticando natação no contraturno, aprendendo sobre o mundo com professores que me marcaram muito. Sempre tive notas muito boas e agilidade para aprender os conteúdos, o que tornou minha vida bem mais fácil que a do meu irmão quatro anos mais novo, que frequentou atendimento especializado por um tempo para conseguir acompanhar o ritmo da turma. Também me destaquei assumindo posições como representante de turma, ganhando certificados de desempenho acadêmico e elegendo-me oradora do PROERD.

O Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência – PROERD tem como base o DARE – Drug Abuse Resistance Education. Foi criado pela Professora Ruty Hellen, em conjunto com o Departamento de Polícia da cidade de Los Angeles, EUA, em 1983. Atualmente o programa está presente nos 50 estados americanos e em 58 países. No Brasil ele chegou em 1992 por meio da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. E desde 2002 ele se encontra em todos os Estados brasileiros. Sou absolutamente contrária a essa abordagem de repressão policial na escola relacionada a um assunto tão importante como o uso de drogas. Quando fui aluna no PROERD, eu não entendia como era violento simbolicamente aquele momento, até porque eu não faço parte da população que morre na periferia por causa da guerra às drogas. Na ocasião, fiquei muito orgulhosa por estar à frente de todas as turmas puxando um juramento no qual eu acreditava.

Com 13 anos, eu quis mudar de escola para acompanhar meus amigos que iam estudar a oitava série no Galois. Na época, esse era um colégio de elite, com fama de que

aprovava muitos alunos nas provas mais difíceis de vestibular. Meus pais concordaram que eu mudasse de colégio contanto que eu conseguisse algum desconto na mensalidade do colégio, o que dependeria do resultado na prova para a bolsa que seria realizada no início do ano. Eu passei na prova e mantive a média acima de 8 em todas as matérias durante os quatro anos que estudei no Galois.

Lá eu continuei com meus amigos do INEI e conheci mais alguns que hoje fazem parte do meu grupo de amigos mais íntimos. Também tive acesso a muitas informações a partir de um modelo de ensino conteudista e bancário – termo utilizado por Paulo Freire – e me preparei para o vestibular como mandava o figurino.

“A educação proibida”

Eu não me lembro de um só momento da minha vida em que eu não quisesse ser professora, mas foi só depois de uma longa caminhada que cheguei ao curso de Pedagogia. Ao longo desse caminho, tomei várias decisões que me distanciaram da educação por eu ter levado em conta outros fatores que não a minha real vontade.

Sei que, quando eu era pequena, perguntei à minha mãe por que a chefe dela usava uma capa preta bonita, e ela me disse que aquilo era uma toga e que ela a usava por ser juíza. Naquele dia, eu disse que queria ser juíza e fiquei com essa ideia na cabeça por um tempo, mas o que eu queria mesmo era ser professora, e ponto.

Quando comecei a ter aulas de História, eu me apaixonei! Era aquilo que eu queria estudar! Quando eu estava na oitava série, eu já tinha certeza de que eu queria ser professora de História, mas, no ensino médio, as coisas mudaram. Comecei a sentir a pressão de ter de seguir uma carreira valorizada social e economicamente, nada fora do comum para uma adolescente da classe média brasileira, e o magistério passou a ficar mais distante da profissão ideal para mim. Minhas notas eram altas, e minha família demonstrava que gostaria que eu estudasse Direito, sempre que tinha oportunidade.

Quando eu dizia que eu queria ser professora de História, sempre vinham comentários desanimadores a respeito do salário, do volume de trabalho, das dificuldades em sala de aula, especialmente porque venho de uma família de professores e profissionais do Direito, que intensificaram uma campanha conforme o vestibular ia chegando mais perto.

No meu colégio, todos os meus amigos iam fazer cursos de prestígio, como Engenharia, Arquitetura, Direito, Medicina e Relações Internacionais. Ninguém cogitava fazer cursos de licenciatura, e meu sonho ficava cada vez mais de lado, enquanto eu ocupava todo o meu tempo me preparando para uma prova sem saber aonde ela me levaria. A única certeza que eu tinha era que eu não abriria mão de fazer um curso do

campo das Ciências Humanas, uma vez que sempre gostei muito de me comunicar, ler e argumentar.

Em 2008 finalmente chegou o dia de decidir o curso para o qual eu prestaria a prova. Na tentativa de agradar a gregos e troianos – no meu caso, a mim e a meus familiares –, decidi fazer o PAS e o vestibular para Ciência Política, que, a meu ver, tinha um pouco de Direito, um pouco de História, um pouco de Sociologia... Foi uma forma racional que achei de tomar essa decisão e não desapontar as expectativas das pessoas a minha volta.

O tempo foi passando e eu fui gostando do curso de Ciência Política. Encantei-me com Teoria Política Clássica, Moderna e Contemporânea e fiz dois estágios muito enriquecedores na área de assessoria parlamentar e consultoria política governamental, mas algo faltava naquela profissão. Encontrei o pedaço que faltava quando comecei a fazer extensão universitária; depois disso nunca mais larguei a extensão. O *Política na Escola* me proporcionou trabalhar com turmas do quinto ano em três escolas da Ceilândia em um período de 2 anos, dos quais tenho ótimas lembranças.

Depois disso, entrei para o projeto de extensão do Instituto de Psicologia *Livros abertos: aqui todos contam*, que me colocou ainda mais perto do universo da educação e da infância como lugar de transformação da realidade e de contestação do mundo como ele se encontra.

Cansada de me sentir perdida em relação ao meu futuro profissional, larguei o curso de Ciência Política e continuei fazendo Direito no UniCEUB como uma forma de me manter ativa – para não cair fundo na depressão novamente – e de continuar o meu estágio na Secretaria de Direitos Humanos.

Em 2013, depois de um carnaval memorável – ou nem tanto – em Olinda, voltei namorando um professor de sociologia daqui de Brasília, cinco anos mais velho que eu. De repente, consegui me ver trabalhando na Secretaria de Educação do DF, levando uma vida como a dele. O namoro durou pouco – por mais irônico que possa parecer, hoje ele cursa Direito no UniCEUB –, mas foi o suficiente para mudar os rumos da minha vida.

Penso que as voltas que dei até chegar à Pedagogia foram muito importantes para a minha constituição como sujeito e como educadora, e não considero que eu tenha perdido meu tempo estudando assuntos distantes da minha atuação como professora, porque todo esse processo foi fundante na minha relação com o mundo do saber. O mais difícil desse processo de reescolha foi buscar coragem de mudar de rumos e decepcionar as pessoas que eu amava, mas eu não aguentava não seguir o magistério, e fui. Rubem Alves fala dessa dificuldade em “Estórias de quem gosta de ensinar”:

É complicado. Leva pelo menos outros cinco anos para chegar a um outro lugar, com esse bilhete que se chama vestibular e essa ferrovia que se chama universidade. E é duro voltar atrás, começar tudo de novo. Muitos não têm coragem para isso, e

passam a vida inteira num lugar que odeiam, sonhando com um outro. (ALVES, 2000)

Acredito que a escolha mais importante que eu fiz na minha vida foi estudar Pedagogia, porque foi a primeira vez que decidi algo que eu queria realmente fazer e não o que os outros esperavam de mim. Essa busca teve e tem muitos altos e baixos, mas tudo que vivi valeu a pena, porque me trouxe ao lugar em que estou hoje, cheia de expectativas para quando me formar pedagoga.

“Território do brincar”

Entrei para o *Política na Escola* no meu segundo semestre de UnB, e isso fez toda a diferença no meu caminho universitário. No projeto nós discutíamos com as crianças as formas de fazer política, numa tentativa de desmistificar e tirar a carga pesada que a política já tem em si. Foi nesse contexto que estive, pela primeira vez, em sala de aula sem ser aluna, e me senti muito bem na posição de educadora! Se não fosse o *Política na Escola*, acho que eu não teria pensado na Pedagogia. Acho que eu teria decidido estudar História ou Ciências Sociais.

A Assessoria Parlamentar da Presidência da República foi minha primeira experiência profissional e uma das oportunidades de trabalho mais desafiadoras da minha vida! Na SRI, a minha equipe era responsável por defender a posição do governo – acordada entre as pastas ministeriais e a Casa Civil – perante a base governista no Parlamento. Trabalhávamos para a aprovação de matérias de interesse do governo e de medidas provisórias; acompanhávamos audiências públicas polêmicas; buscávamos barrar assuntos não pacíficos entre os ministérios e firmávamos a relação entre Executivo e Legislativo federais. Lá eu trabalhei com jovens gestores muito competentes e dedicados, com quem aprendi muito sobre política institucional e samba – este, depois do expediente.

Depois disso, estagiei na Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente – SNPDC, vinculada à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, no Programa Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes – PNEVSCA, quando eu ainda era estudante de Ciência Política na UnB e cursava Direito no UniCEUB à noite. Nesse estágio, eu tive a oportunidade de trabalhar com uma equipe muito qualificada de psicólogos que analisavam a matéria dos convênios firmados entre o terceiro setor e o governo federal, que tinham a finalidade de enfrentar a realidade de violência sexual contra crianças e adolescentes no território nacional. Lá aprendi muito sobre as pessoas com meus colegas de trabalho – hoje, amigos.

Outra grande escola que frequentei durante a graduação foi a Marcha das Vadias. A Marcha das Vadias do Distrito Federal foi realizada pela primeira vez no dia 18 de junho de

2011. Cerca de 2 mil pessoas participaram do evento. Mulheres, homens e crianças manifestaram-se, empenharam-se, indignaram-se e gritaram juntas por um mundo sem machismo. A segunda edição teve cerca de 5 mil participantes, e a terceira, em 2013, contou com a participação de aproximadamente 8 mil pessoas, que marcharam juntas, mais uma vez, pela não violência contra as mulheres. Eu marchei em 2011 e em 2012. Em 2013, participei da construção desse evento de catarse coletiva, que foi muito importante na minha formação como mulher feminista apoiadora da luta anticapitalista, racista, LGBTfóbica e capacitista.

Quando eu estava no sexto semestre do curso de Ciência Política, participei do PEAC *Livros Abertos*, um projeto destinado a compartilhar histórias e encantamento com crianças e jovens por meio de rodas de leitura dialógica. No âmbito do projeto, trabalhei na criação de espaços lúdicos de diálogos com a literatura infanto-juvenil, buscando um ambiente em que a experiência leitora fosse realmente transformadora para todos os envolvidos. Entrei para o Livros Abertos quando cursei algumas matérias na Psicologia e já pensava em mudar para a Pedagogia, mas ainda me faltava a coragem de largar tudo e recomeçar do zero.

“Pro dia nascer feliz”

Quando a coragem me veio, fiz o ENEM e, aos 23 anos, me matriculei no curso de Pedagogia já com um rumo em mente – muito diferente da ocasião em que entrei, pela primeira vez, na UnB. Eu sabia que eu queria trabalhar na educação pública quando me formasse. Além disso, viver a Universidade mais madura foi mais satisfatório para mim em muitos sentidos, porque pude realizar projetos que eu não teria condições intelectuais e pessoais de realizar quando eu era mais nova.

No segundo semestre do curso, entrei para o Projeto Autonomia, um projeto de extensão da Universidade de Brasília que reúne educadores, estudantes e membros da comunidade em diálogos com experiências educacionais inovadoras, orientados pelo quarteto fantástico de professoras: Fátima Vidal, Alexandra Rodrigues, Regina Pedrosa e Simone Lima. No âmbito do Autonomia, acompanhei, por um semestre, as atividades da escola de educação infantil Ipê Amarelo. Em outro semestre, acompanhei as atividades da professora Paula Lobo na Escola Classe Bela Vista, em São Sebastião. Foi também por intermédio do Autonomia que participei da 2ª Conferência Nacional de Alternativas para a Nova Educação – CONANE, em São Paulo.

O projeto “Alumiar: práticas e reflexões acerca da imagem nos processos formativos” é uma proposta de ação contínua, fruto de um trabalho coletivo de reflexão e prática desenvolvido por um grupo interdisciplinar de educadores e estudantes das áreas de

Pedagogia, Arte e Comunicação da Universidade de Brasília, que visa investigar o conceito de educação em sentido amplo, dando ênfase especial a uma educação transformadora e autônoma.

No âmbito do projeto Alumiar, trabalhei com as crianças da Escola Classe Sonhém de Cima, localizada na área rural da Fercal, Sobradinho - DF, as concepções acerca da imagem do mundo e de si. Nosso esforço teve como encerramento a exposição fotográfica Sonhém com a câmera na mão, toda feita e pensada pelas crianças.

A pesquisa *Experiência, temporalidade e linguagem: algumas contribuições do pensamento de Walter Benjamin ao campo da Educação* partiu do pressuposto que a temporalidade atual impulsionada pelas novas tecnologias é um dos elementos centrais pelos quais se efetuam as transformações da subjetividade contemporânea, alterando profundamente as condições perceptivas. Exige, assim, que o campo da Educação repense as relações entre experiência e conhecimento. Nesse sentido, o pensamento de Walter Benjamin torna-se significativo: elaborando aguda crítica aos modelos temporais do capitalismo, o autor percebe como a colonização dos ritmos e da memória implica uma progressiva substituição da experiência pela vivência.

Trabalhar na Vivendo e Aprendendo é um grande privilégio para quem se dedica a estudar a educação no Distrito Federal. Aprendi lá, mais que em qualquer lugar, sobre respeito aos tempos e lugares da infância, especialmente às minhas parcerias Diego Barrios, Clarice César e Lia Lucas.

Percebo que o tempo de experiência que tive na Vivendo fez-me sentir bem mais apropriada de dispositivos de educação democrática e autonomista e preparada para encarar a prática da docência na escola pública. Por mais que tenham realidades muito distintas, as crianças e os adultos merecem ser tratados com respeito e valorização em quaisquer circunstâncias, e isso eu aprendi na associação.

No último semestre do curso, ainda tive a oportunidade de participar de um grupo de estudos em Pedagogia Waldorf coordenado pela professora Cláudia Dansa, no âmbito do Projeto Individualizado 3.1, no qual aprendi muito sobre as bases da filosofia antroposófica e seus desdobramentos pedagógicos.

“O que é educação pra você?”

Por fim, falo de alguns dos passos que dei, que levaram à escolha do tema de pesquisa da monografia a seguir, assim como da escolha da metodologia e da abordagem teórica do trabalho que apresento.

As práticas inovadoras e alternativas em educação sempre estiveram presentes entre meus interesses como estudante de Pedagogia, ou mesmo antes do curso, quando eu

buscava entender a lógica das concepções educacionais, muitas vezes deseducacionais, que imperavam nas escolas que frequentei durante a educação básica.

Na Universidade de Brasília, muito além do grande acervo de informações e reflexões a que tive acesso no ensino e da pesquisa com as professoras e os professores da Faculdade de Educação, a extensão universitária foi o espaço que mais proporcionou a investigação sobre inovações e alternativas educacionais por meio das propostas PEACs, *Política na Escola*, *Livros Abertos: aqui todos contam*, *Projeto Autonomia*, *Projeto Alumiar* e *Semilleros Brasil*. Esses projetos foram e são extremamente importantes para a construção dos meus próprios entendimentos a respeito da educadora que fui, que sou e que me torno a cada dia, a partir dos encontros que proporcionaram.

Foi o Projeto Autonomia que possibilitou o meu encontro com a CONANE em 2015, no meu quarto semestre do curso de Pedagogia. Viajamos a São Paulo com um grupo de pessoas colaboradoras do projeto – algumas foram voluntárias na organização da conferência, outras se inscreveram como participantes e ficaram em casas de amigos ou hospedagem solidária. Lá eu conheci muitas pessoas de todo o Brasil envolvidas em iniciativas que buscavam uma nova educação, especialmente pessoas que nesse sentido trabalhavam no Distrito Federal e que eu ainda não conhecia.

A CONANE de 2015 evidenciou-me a importância da articulação política e do encontro de pessoas com objetivos comuns, especialmente levando em conta o aspecto contra-hegemônico do movimento pela inovação e alternativa na educação. Participei das mesas de conversa sobre educação anarquista e educação comunista, por exemplo, cujo potencial revolucionário me alimentou o desejo de continuar no curso, com muita vontade de trabalhar com essa nova educação.

Já na CONANE Candanga, realizada em 2016, eu trabalhei, como extensionista do Projeto Alumiar, na realização do registro audiovisual da Conferência, enquanto eu assistia às mesas com grande expectativa. No entanto, eu me senti um pouco frustrada com muitas coisas que lá ouvi, ou melhor, que não ouvi. Como vivíamos um golpe à Democracia, senti uma ausência incômoda do assunto. Alguns facilitadores manifestaram insatisfação com o quadro e com as implicações para a educação brasileira, mas não eram a maioria, para o meu estranhamento.

Em 2017 não pude participar da CONANE por motivos pessoais, mas não deixei de acompanhar o evento pelas redes sociais e por comentários de colegas que participaram. Nesse período, minha curiosidade em torno dessa comunidade de aprendizagem começou a delinear minha questão de pesquisa.

De quais novas educações as pessoas participantes desse movimento estão falando? Quais são as concepções educacionais que embasam as práticas educacionais chamadas de inovadoras e/ou alternativa? Como essas concepções interferem nas

intencionalidades pedagógicas de educadoras e educadores? A monografia a seguir pretende buscar respostas a essas perguntas que surgiram.



Quadrinho 2: *Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo*, de Bill Watterson, p. 58 (2012).

“Educar es provocar, nunca imponer.”
(Carlos Calvo)

PARTE 2- MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

O movimento de educação alternativa e inovadora tem crescido em produção de conhecimento por diferentes frentes: trabalhos de conclusão de curso de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado nos campos de estudos das ciências sociais e humanas, especialmente da Pedagogia; ações pedagógicas de movimentos sociais rurais e urbanos, MST e MTST, por exemplo; inúmeros projetos de escolas, faculdades ou comunidades de aprendizagem públicas e privadas; produções culturais que tratam do tema.

Essas diversas manifestações têm em comum a busca por uma prática educacional distinta do que se convencionou chamar de educação tradicional. Outro aspecto notável que une as iniciativas de educação alternativa e inovadora é seu recente fortalecimento e sua organização no cenário educacional atual, mesmo que muitas vezes se baseiem em teorias educacionais com mais de um século de existência.

No entanto, as semelhanças entre tantas iniciativas podem acabar por aí, uma vez que as concepções educacionais que embasam suas atuações variam em um amplo espectro, diferenciando também suas intencionalidades e práticas pedagógicas. Para ilustrar, podemos encontrar, dentro dessa grande denominação de educação alternativa e inovadora, desde projetos que sustentam o discurso de que, na escola do futuro, os sujeitos devem se relacionar com as tecnologias da informação desde cedo, usando termos como “ensino híbrido”, até experiências que defendem o maior distanciamento possível de dispositivos eletrônicos, no sentido de um educar mais humano e natural.

Por isso, investigar qualquer aspecto desse contexto educacional é um grande desafio. Então, como a pesquisa conseguiria acessar os agentes desse movimento com tamanha diversidade entre si? A partir de onde partiríamos para desbravar um objeto de estudo tão amplo?

A Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação – CONANE exerce um papel importante nesse cenário, uma vez que consegue aglomerar muitos dos agentes desse movimento em um só tempo e espaço. Ela é realizada a cada dois anos em distintas cidades. A conferência aconteceu pela primeira vez em 2013, em Brasília, com 400 educadores e transmissão on-line, organizada pela parceria entre o Projeto Autonomia e o Coletivo Gaia Brasília. Em 2015, foi realizada no CEU Heliópolis, em São Paulo, com cerca de 600 educadores, com a colaboração da Escola Politeia, do Colégio Viver, da Escola Oficina Pindorama61, da UNICULT62 e do Instituto Alana. Por último, em 2017, a conferência foi novamente realizada em Brasília, dessa vez na EAPE – Centro de

Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação. Essa edição contou com 620 participantes de 11 países, com o trabalho de 20 voluntários e voluntárias em conjunto com a comissão organizadora.

Portanto, nosso enfoque voltou-se para os discursos e as dinâmicas presentes na CONANE ao longo de sua trajetória histórica, na tentativa de encontrar tendências pedagógicas entre os diferentes participantes desse movimento educacional efervescente.

Inicialmente, a pesquisa voltou seu interesse para o movimento brasileiro de educação alternativa e inovadora. No entanto, apenas as edições I e II da CONANE concentraram-se em aglomerar iniciativas de educação alternativa e inovadora no território brasileiro. Já na III CONANE, a organização do evento manteve grande proximidade com o 4º Encuentro Nuestra América – ENA, que aconteceu em Brasília, na semana anterior ao evento, possibilitando muitas trocas entre participantes de 11 países da América Latina. Por isso, tiramos o termo “brasileiro” do objetivo geral por não se aplicar à totalidade da pesquisa.

A partir do exposto até aqui, minha questão de pesquisa é: quais são e como se apresentam as diferentes concepções educacionais nas três edições da Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação? As questões norteadoras para responder a esta pergunta são: quem são os participantes da pesquisada? Quais são as motivações e intencionalidades presentes nas práticas e/ou ideias educativas das pessoas entrevistadas? Como se aproximam e se distanciam das diferentes concepções de educação alternativa e educação inovadora?

Objetivo Geral

O objetivo desta pesquisa está diretamente vinculado à minha questão de pesquisa e pode ser descrito da seguinte forma: investigar as diferentes concepções educacionais apresentadas por agentes do movimento de educação alternativa e inovadora no início do século XXI, no Brasil, no âmbito das três edições da Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação – CONANE.

Objetivos específicos

- Identificar as origens dos participantes pesquisados, a fim de contextualizar e mapear suas atuações.
- Investigar motivações e intencionalidades presentes nas práticas e/ou ideias educativas das pessoas entrevistadas.
- Examinar as falas das mesas da III CONANE – Inovação e Sustentabilidade, realizada de 15 a 17 de Junho de 2017, buscando investigar marcas de concepções

educacionais, tendências pedagógicas e posicionamentos políticos nos discursos analisados.

- Descrever as diferentes concepções de educação alternativa e educação inovadora.
- Problematizar os resultados obtidos para facilitar a visualização das tendências encontradas.

O estudo realizado baseia-se em pesquisa qualitativa que se valeu dos seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa documental, dinâmicas conversacionais, transcrição de áudios, entrevista estruturada aberta e análise de redes sociais por meio de descritores.

As fontes iniciais de investigação na pesquisa qualitativa foram as transcrições de áudio das mesas temáticas da III CONANE, as dinâmicas conversacionais e as anotações feitas na CONANE Candanga 2016 e na II CONANE, a análise das programações das três edições da Conferência disponíveis na página da CONANE, no Facebook e em publicações de outras páginas em redes sociais relacionadas à CONANE, localizadas por meio de descritores e hiperlinks.

Das reflexões geradas pela pesquisa inicial, criamos um questionário com cinco perguntas fundamentais que interessavam ao nosso estudo, a fim de produzir mais dados para a investigação.

Todas as fontes foram importantes para as impressões sobre as concepções educacionais apresentadas pelos diferentes agentes do movimento. Entretanto, os materiais que mais contribuíram para o nosso exercício cartográfico foram as respostas obtidas após a aplicação dos questionários e a análise das falas das mesas da III CONANE. Por esse motivo, fazemos citações de algumas falas ao longo do trabalho, mencionando a fonte quando retiradas das falas públicas e omitindo a autoria quando retiradas das entrevistas, utilizando como identificação apenas a função que a pessoa citada exerce no âmbito educacional.

Em seguida, procedemos à análise e à discussão, buscando proximidades e distanciamentos nos discursos presentes entre os sujeitos pesquisados, a partir de significantes encontrados e da fundamentação teórica.

Compreendemos que este trabalho procura muito mais estabelecer maior abrangência quanto às concepções educacionais e políticas de agentes da educação alternativa e inovadora presentes na CONANE do que aprofundar sobre cada uma dessas concepções. Nossa busca é centrada no processo como um todo, e não em cada uma das atuações no contexto educacional.

No primeiro capítulo, apresentamos a fundamentação teórica para o trabalho, definindo conceitos de concepções pedagógicas, educação inovadora e educação

alternativa e traçando um panorama sobre a conjuntura do movimento de educação inovadora e alternativa.

No segundo capítulo, detalhamos a metodologia e os procedimentos metodológicos utilizados do início ao final da pesquisa, seguindo a ordem cronológica em que foram realizados.

No terceiro capítulo, fazemos a análise e a discussão, caracterizando os sujeitos pesquisados, especificando percepções a partir de cada pergunta fundamental da entrevista e relacionando com os demais procedimentos de pesquisa.

Por fim, dedicamo-nos a fazer algumas considerações finais a partir da nossa investigação.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O principal interesse da pesquisa é cartografar as concepções educacionais apresentadas por participantes das três edições da CONANE e relacionar o impacto de seus posicionamentos políticos nessas concepções e práticas educativas dos sujeitos identificados na pesquisa. Para tanto, precisamos elaborar mais cuidadosamente conceitos e termos como concepções e tendências pedagógicas, educação inovadora e educação alternativa.

Também nos baseamos em alguns estudos recentes que consideramos fundamentais para entender o processo de crescimento e fortalecimento de iniciativas de educação inovadora e alternativa no Brasil de hoje e seus antecedentes. Nessa seara, usamos as obras de Luciana Campolina, Tathyana Gouvêa Barrera e Caio Dib.

A seguir, detalhamos as percepções mais relevantes para o andamento deste trabalho, tanto para as escolhas metodológicas quanto para a fase final de análise e discussão.

1.1 Concepções pedagógicas

José Carlos Libâneo, em sua obra *Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos*, faz uma categorização clássica que chama de “tendências pedagógicas”. Elas estão divididas em dois grandes grupos, de acordo com Libâneo: Pedagogias Liberais (não críticas) e Pedagogias Progressistas (críticas). Entre as não críticas, encontramos as seguintes tendências: Liberal Tradicional, Liberal Renovada Progressista, Liberal Renovada Não Diretiva e Liberal Tecnicista. Já entre as tendências críticas estão a Progressista Libertadora, a Progressista Libertária e a Progressista Crítico-

-Social dos Conteúdos – Libâneo, à época de sua reflexão, era defensor dessa última corrente. (LIBÂNEO, 2014)

Tabela 1: Tendências pedagógicas

Concepção pedagógica	Tendência pedagógica
Pedagogias Liberais (não críticas)	Liberal Tradicional Liberal Renovada Progressista Liberal Renovada Não Diretiva Liberal Tecnicista
Pedagogias Progressistas (críticas)	Progressista Libertadora Progressista Libertária Progressista Crítico-Social dos Conteúdos

Fonte: LIBÂNEO (2014).

A tendência Liberal Tradicional sustenta a ideia de que a escola tem a função de preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais. Isso pressupõe que o indivíduo precisa adaptar-se aos valores e às normas vigentes na sociedade de classe por meio do desenvolvimento da cultura individual. Esta tendência é uma justificação do sistema capitalista. Difunde a ideia de igualdades de condições. Os procedimentos didáticos, as relações professor/aluno não têm nenhuma relação com o cotidiano do aluno e muito menos com as realidades sociais.

A Liberal Renovada Progressista acentua o sentido da cultura como desenvolvimento das aptidões individuais. A escola continua, dessa forma, a preparar o aluno para assumir um papel na sociedade, adaptando as necessidades do educando ao meio social. Por isso ela deve imitar a vida. Se na tendência liberal tradicional a atividade pedagógica estava centrada no professor, na escola renovada progressista essa atividade está ligada à ideia de "aprender fazendo", portanto está centrada no aluno, valorizando as tentativas experimentais, a pesquisa, a descoberta, o estudo do meio natural e social, etc., levando em conta os interesses do aluno. Como pressupostos de aprendizagem, aprender se torna uma atividade de descoberta, é uma autoaprendizagem, e o ambiente é apenas um meio estimulador, conforme Libâneo. O papel da escola é adaptar o aluno ao meio onde vive, ela enfatiza o aprender a aprender. O método utilizado é o trabalho em grupo, o aprender fazendo.

A Liberal Renovada Não Diretiva enxerga o papel da escola na formação de atitudes, razão pela qual deve estar preocupada mais com os problemas psicológicos do que com os pedagógicos ou sociais, conforme Libâneo. Todo o esforço deve visar a uma mudança dentro do indivíduo, ou seja, a uma adequação pessoal às solicitações do ambiente.

Aprender é modificar as próprias percepções. Aprende-se apenas o que estiver significativamente relacionado com essas percepções. A retenção se dá pela relevância do aprendido em relação ao "eu", o que torna a avaliação escolar sem sentido, privilegiando a autoavaliação. Trata-se de um ensino centrado no aluno, em que o professor é apenas um facilitador, ou seja, o papel da escola é promover o autodesenvolvimento pessoal. Os alunos buscam, por si mesmos, os conhecimentos. O professor é o próprio método, é facilitador. A educação é centrada no aluno, o professor é especialista em relações humanas.

A Liberal Tecnicista atua no aperfeiçoamento da ordem social vigente – o sistema capitalista –, articulando-se diretamente com o sistema produtivo. Para tanto, emprega a ciência da mudança de comportamento, ou seja, a tecnologia comportamental. Seu interesse principal é, portanto, produzir indivíduos "competentes" para o mercado de trabalho, não se preocupando com as mudanças sociais. O papel da escola é produzir indivíduos competentes para o mercado de trabalho. Os conteúdos de ensino são determinados por princípios científicos. Os métodos de ensino são aplicados por meio de procedimentos que asseguram a transmissão e a recepção de informações. O professor é o elo entre a verdade científica e o aluno.

Na concepção progressista, a tendência progressista e a libertadora e libertária têm em comum a defesa da autogestão pedagógica e o antiautoritarismo. A escola libertadora, também conhecida como a pedagogia de Paulo Freire, vincula a educação à luta e à organização de classe do oprimido. Como pressuposto de aprendizagem, a força motivadora deve decorrer da codificação de uma situação-problema que será analisada criticamente, envolvendo o exercício da abstração, pelo qual se procura alcançar, por meio de representações da realidade concreta, a razão de ser dos fatos. Assim, como afirma Libâneo, aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade. Portanto, o conhecimento que o educando transfere representa uma resposta à situação de opressão a que se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica.

A escola progressista libertária parte do pressuposto de que somente o vivido pelo educando é incorporado e utilizado em situações novas. Por isso o saber sistematizado só terá relevância se seu uso prático for possível. Segundo Libâneo, a ênfase na aprendizagem informal, via grupo, e a negação de toda forma de repressão visam a favorecer o desenvolvimento de pessoas mais livres. No ensino da língua, procura valorizar o texto produzido pelo aluno, além da negociação de sentidos na leitura. Esta tendência caracteriza-se pela autogestão pedagógica, pelo processo de aprendizagem grupal. É uma educação popular, não formal.

Finalmente temos a Progressista Crítico-Social dos Conteúdos, que, diferentemente da libertadora e libertária, acentua a primazia dos conteúdos no seu confronto com as

realidades sociais. A atuação da escola consiste na preparação do aluno para o mundo adulto e suas contradições, fornecendo-lhe um instrumental, por meio da aquisição de conteúdos e da socialização, para uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade. Na visão da pedagogia dos conteúdos, admite-se o princípio da aprendizagem significativa, partindo do que o aluno já sabe. A escola serve como mediadora entre o indivíduo e o social, estimulando o saber elaborado.

As tendências pedagógicas liberais, ou seja, a tradicional, a renovada e a tecnicista, por se declararem neutras, nunca assumiram compromisso com as transformações da sociedade, embora, na prática, tenham procurado legitimar a ordem econômica e social vigentes. Já as tendências pedagógicas progressistas, em oposição às liberais, têm em comum a análise crítica do sistema capitalista.

Mais recentemente, em um capítulo do livro “Educação na Era do Conhecimento em Rede e Transdisciplinaridade”, Libâneo sistematizou uma classificação do que chamou de Teorias Pedagógicas Modernas, que estão divididas entre correntes e subdivididas em modalidades. Elas acabam mais próximas das concepções pedagógicas a que este trabalho se refere, no contexto do movimento de educação alternativa e inovadora do início do século XXI.

São elas: Corrente Racional-Tecnológica com as modalidades Ensino de Excelência e Ensino Tecnológico; Corrente Neocognitiva, com as modalidades Construtivismo Pós-Piagetiano e Ciências Cognitivas; Corrente Sociocrítica com as modalidades Sociologia Crítica do Currículo, Teoria Histórico-Cultural, Teoria Sociocultural, Teoria Sociocognitiva e Teoria da Ação Comunitária; Corrente Holística com as modalidades Holismo, Teoria da Complexidade, Teoria Naturalista do Conhecimento, Ecopedagogia e Conhecimento em Rede, e a Corrente Pós-Moderna com as modalidades Pós-Estruturalismo e Neopragmatismo. (LIBÂNEO, 2005, p. 11)

Tabela 2: Teorias pedagógicas modernas

Correntes	Modalidades
Racional-Tecnológica	Ensino de Excelência Ensino Tecnológico
Neocognitivistas	Construtivismo Pós-Piagetiano Ciências Cognitivas
Sociocríticas	Sociologia Crítica do Currículo Teoria Histórico-Cultural Teoria Sociocultural Teoria Sociocognitiva

	Teoria da Ação Comunicativa
“Holísticas”	Holismo Teoria da Complexidade Teoria Naturalista do Conhecimento Ecopedagogia Conhecimento em Rede
Pós-Modernas	Pós-Estruturalismo Neopragmatismo

Fonte: LIBÂNEO (2005).

A Corrente Racional-Tecnológica, também conhecida como Neotecnicismo, está associada a uma pedagogia a serviço da formação para o sistema produtivo, ou seja, mão de obra para as necessidades do capitalismo e ensino de excelência na formação da elite intelectual. Requer a formulação de objetivos, conteúdos, padrões de desempenho, competências e habilidades com base em critérios científicos e técnicos, e utiliza aparatos tecnológicos de forma intensiva. Outra apresentação dessa concepção é o currículo por competências, nos moldes da última reforma do ensino médio encabeçada pelo governo ilegítimo brasileiro.

A Corrente Neocognitivista contempla novas aproximações dos conceitos de aprendizagem, do desenvolvimento, da cognição e da inteligência. No campo da educação, o construtivismo refere-se a uma teoria em que a aprendizagem humana é resultado de uma construção mental realizada pelos sujeitos com base na sua ação sobre o mundo e na interação com os outros. O ser humano tem uma potencialidade para aprender a pensar que pode ser desenvolvida, porque a faculdade de pensar não é inata e nem é provida de fora.

A abordagem cognitiva refere-se a estudos relacionados ao desenvolvimento da ciência cognitiva associada à utilização de computadores. Seu objetivo é buscar novos modelos e referências para avançar na investigação sobre os processos psicológicos e a cognição. A partir da psicolinguística, da teoria da comunicação e da cibernética, seu interesse é a construção de programas de inteligência artificial que realizam tarefas que implicam um comportamento inteligente.

O termo “sociocrítica” é utilizado por Libâneo para ampliar o sentido de “crítica” e abranger teorias e correntes que se desenvolvem a partir de referenciais marxistas ou neo-marxistas, ou mesmo apenas de inspiração marxista, e que são frequentemente divergentes entre si. As abordagens sociocríticas convergem na concepção de educação como compreensão da realidade para transformá-la, visando à construção de novas relações sociais para superação de desigualdades sociais e econômicas. Em razão disso, considera especialmente os efeitos do currículo oculto e do contexto da ação educativa nos processos de ensino e aprendizagem, inclusive para submeter os conteúdos a uma análise

ideológica e política.

A teoria curricular crítica acentua os fatores sociais e culturais na construção do conhecimento, lidando com temas como cultura, ideologia, currículo oculto, linguagem, poder, multiculturalismo. Tem origem explícita na Sociologia Crítica inglesa e norte-americana. A teoria curricular crítica questiona como são construídos os saberes escolares, propõe analisar o saber particular de cada agrupamento de alunos, porque esse saber expressa certas maneiras de agir, de sentir, de falar e ver o mundo. O currículo, nesse sentido, tem a ver menos com a seleção e organização de conteúdos e mais com as experiências socioculturais que fazem da escola um terreno de luta e de contestação para criar e produzir cultura. Na esfera dos sistemas de ensino, leva as políticas de integração de minorias sociais, étnicas e culturais ao processo de escolarização, opondo-se à definição de currículos nacionais.

As bases da teoria histórico-social apoiam-se em Vygotsky e seguidores. Nessa orientação, a aprendizagem resulta da interação entre sujeito e objeto, em que a ação do sujeito sobre o meio é socialmente mediada, atribuindo-se peso significativo à cultura e às relações sociais. A atividade do sujeito supõe a ação entre sujeitos, no sentido de uma relação do sujeito com o outro, com seus parceiros. Mais especificamente, as funções mentais superiores – linguagem, atenção voluntária, memória, abstração, percepção, capacidade de comparar, diferenciar, etc. – são ações interiorizadas de algo socialmente mediado a partir da cultura constituída.

A Teoria Sociocultural também remete a Vygotsky, mas põe ênfase na explicação da atividade humana como processo e resultado das vivências em atividades socioculturais compartilhadas, mais do que nas questões do conhecimento e na apropriação da cultura social. Compreende as práticas de aprendizagem como atividade sempre situada em um contexto de cultura, de relações, de conhecimento.

Na Teoria Sociocognitiva são postas em relevo as condições culturais e sociais da aprendizagem, visando ao desenvolvimento da sociabilidade por meio de processos socioculturais. A questão importante da escola não é o funcionamento psíquico ou os conteúdos de ensino, mas a organização de um ambiente educativo de solidariedade, relações comunicativas, com base nas experiências cotidianas, nas manifestações da cultura popular.

A teoria da ação comunicativa, formulada por J. Habermas, está associada à teoria crítica da educação originada dos trabalhos da Escola de Frankfurt. Realça, no agir pedagógico, a ação comunicativa, entendida como interação entre sujeitos por meio do diálogo para chegar a um entendimento e a uma cooperação entre as pessoas nos seus vários contextos de existência. Constitui-se, assim, numa teoria da educação assentada no diálogo e na participação, visando à emancipação dos sujeitos.

Correntes “holísticas” abrangem diferentes vertentes teóricas de uma visão “holística” da realidade, ou seja, a realidade como uma totalidade de integração entre o todo e suas partes. O holismo, do ponto de vista filosófico, compreende a realidade como totalidade, em que as partes integram o todo, partes como unidades que formam todos, numa unidade orgânica. A consciência de uma totalidade cósmica leva os holistas a buscarem um equilíbrio dinâmico entre o homem e o seu meio biofísico, a convivência entre as pessoas, a preservação ambiental. O projeto educativo visa conscientizar para o fato de que as pessoas pertencem ao universo e que o desenvolvimento da espécie humana depende de um projeto mundial de preservação da vida.

A teoria da complexidade é uma abordagem metodológica dos fenômenos em que se apreende a complexidade das situações educativas, em oposição ao pensamento simplificador. A inteligibilidade complexa, ou o pensar mediante a complexidade, significa apreender a totalidade complexa, as inter-relações das partes, de modo a se travar uma abertura, um diálogo entre diferentes modelos de análise, diferentes visões das coisas. Isso leva à cooperação interdisciplinar, ao intercâmbio de alteridades, mas a busca de inter-relações não significa ordenar a realidade, organizá-la. Significa buscar também a desordem, a contradição, a incerteza. Põe dúvidas sobre o que é a verdade, o que é a realidade empírica, de modo a ver os vários lados da situação. Essas ideias, obviamente, nos põem diante de uma prática pedagógica nada prescritiva, nada disciplinar. Já que não há nada que seja absolutamente científico, absolutamente seguro, precisamos dialogar com a dúvida, com o inesperado e o imprevisto.

A teoria naturalista do conhecimento, desenvolvida por autores como Varela e Maturana e por Hugo Assmann, compreende que o conhecimento humano está ligado ao plano biológico, bioindividual e biossocial. Essa teoria se opõe a uma visão mentalista do sujeito e da consciência, afirmando a mediação corporal dos processos de conhecimento. Nossa consciência não é soberana, não somos donos do nosso destino como pensamos. O conhecimento humano nunca é pura operação mental.

A ecopedagogia propõe a recuperação do sentido humano do espaço habitado, abrangendo tanto a dimensão biosférica quanto as dimensões socioinstitucionais. É uma pedagogia que promove a aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida cotidiana. Os princípios da ecopedagogia acentuam a unidade de tudo que existe, a inter-relação e a auto-organização dos diferentes ecossistemas, o reconhecimento do global e do local na perspectiva de uma cidadania planetária, a centralidade do ser humano no processo educativo e a intersubjetividade, a educação voltada para a vida cotidiana.

A teoria do conhecimento em rede propõe que os conhecimentos disciplinares, assentados na visão moderna de razão, devem ceder lugar aos conhecimentos tecidos em redes relacionadas à ação cotidiana. O conhecimento se constrói socialmente, não no

sentido de assimilação da cultura anteriormente acumulada, mas no sentido de que ele emerge nas ações cotidianas, rompendo-se com a separação entre conhecimento científico e conhecimento cotidiano. O conhecimento surge, portanto, das redes de relações em que as pessoas compartilham significados. A escola é “um espaço/tempo de relações múltiplas entre múltiplos sujeitos com saberes múltiplos, que aprendem/ensinam, o tempo todo, múltiplos conteúdos de múltiplas maneiras.

As correntes “pós-modernas” podem ser entendidas como uma “pedagogia”, já que influenciam as práticas docentes, mesmo pela sua negação. Elas se constituem a partir das críticas às concepções globalizantes do destino humano e da sociedade, isto é, as metanarrativas, assentadas na razão, na ciência, no progresso, na autonomia individual. Não há direitos universais abstratos, mas direitos e vozes de cada grupo cultural, de cada comunidade. Hoje há muitos discursos, muitas linguagens particulares, que é o que interessa: a cultura local, o feminismo, o pacifismo, a ecologia, o negro, o homossexual. Ou seja, não há mais uma consciência unitária, não há uma referência moral, teórica, na qual se baseie o desenvolvimento da consciência, mas lugares de fala.

A influência do pós-estruturalismo na educação aparece principalmente pela divulgação do pensamento de Michael Foucault sobre as relações entre o saber e o poder nas instituições educativas. O sistema educativo como poder cria um saber para exercer controle sobre as pessoas, razão para lançar descrédito sobre a pedagogia, já que seu papel é formar o sujeito da modernidade, isto é, o sujeito submisso, disciplinado, submetido ao poder do outro. O saber está, pois, comprometido com o poder, e essas relações de poder estão onipresentes, exercidas nas mais variadas instâncias, como a família, a escola, a sala de aula. Se pode existir uma pedagogia, ela será desconstrutiva dos discursos, não construtiva. O pós-estruturalismo discute questões como a identidade/diferença, a subjetividade, os significados e as práticas discursivas, as relações gênero-raça-etnia-sexualidade, o multiculturalismo, os estudos culturais e os estudos feministas.

O neopragmatismo valoriza, no processo educativo, as experiências pessoais do indivíduo, a interação dialógica numa conversação aberta, contínua, interminável. Não se trata de buscar a verdade estabelecida, mas de criar significados nas interações dialógicas pessoais e públicas com os outros, com as histórias, com os textos. Nossa única fonte de orientação é a conversação com nossos companheiros humanos. Ela é o contexto básico para compreender o conhecimento. É, pois, pela experiência, pelo diálogo, pela conversação que os participantes fazem escolhas racionais, que são pessoais, históricas, vinculadas a uma situação concreta. O currículo é entendido como processo, em que os sujeitos criam e recriam a si próprios e à sua cultura, em contextos de conversação, de troca de narrativas, de forma a compreender como os outros constroem seus significados a partir de sua vivência em contextos culturais, linguísticos, interpretativos. O currículo como

processo que propicia a transformação pessoal, com base na experiência que o aluno vivencia ao aprender, ao transformar e ao ser transformado, propõe a discussão de problemas humanos “edificantes”, envolvendo a solidariedade, a diferença, o outro, visando a experiências transformativas nas pessoas. (LIBÂNEO, 2005, p. 11-19)

As modalidades pedagógicas baseadas nas teorias descritas, na maioria das vezes, surgem nas iniciativas educacionais por uma necessidade prática e aparecem no contexto do movimento de educação inovadora e alternativa bem misturadas em suas influências. Na próxima parte, falamos mais sobre essa conjuntura.

1.2. A conjuntura do movimento de educação inovadora e alternativa

Para entender o contexto atual do movimento de educação inovadora e alternativa, usamos trabalhos recentes que se debruçaram sobre esse tema, uma vez que se trata de um estudo sobre o presente.

No entanto, os conceitos de educação inovadora e alternativa não são uma aparição contemporânea:

Innovación qué es? No es hacer algo nuevo, la innovación es tomar lo antiguo y mirarlo com otros ojos.¹

Um exemplo de inovação que nos ajuda a entender a conjuntura desse movimento é o projeto que originou o livro *Caindo no Brasil*, de Caio Dib. Ele passou por 58 cidades brasileiras buscando exemplos de práticas educacionais inspiradoras. Os critérios de escolha de onde visitar foram dois: “iniciativas que adotaram soluções criativas para os desafios de ensino-aprendizagem e também modelos de aprendizagem alternativos ao tradicional.” (DIB, 2014, p. 14)

É importante notar que esse é um trabalho anterior à primeira edição da CONANE e que ele traz algumas conclusões interessantes, como a dificuldade de conexão e troca entre as iniciativas educacionais levantadas pelo projeto, justamente um dos principais papéis da conferência.

Luciana Campolina (2012), por sua vez, se dedicou ao âmbito mais teórico da inovação educacional e dividiu os enfoques teóricos em cinco grupos: funcionalista, processual, enfoque sobre o papel dos profissionais da Educação, epistemológico e enfoque sobre os significados atribuídos ao processo de inovação educativa.

Tathyana Barreira (2016), em sua tese de doutorado *O movimento brasileiro de renovação educacional no início do século XXI*, analisou a rede das organizações brasileiras que realizam ou promovem mudanças no atual modelo da escola com base nas quatro

¹ Fala proferida por Silvia López de Maturana na mesa Territórios educativos, inovação e sustentabilidade na III CONANE.

invariantes da estrutura escolar: o tempo, o espaço, as relações com o saber e as relações de poder, que, na modernidade, passam por transformações.

Não há consenso sobre a definição dos conceitos de educação inovadora e educação alternativa, nem na literatura científica, nem nos outros espaços em que esses termos são utilizados. Por isso, ao longo deste trabalho, não preferimos um conceito em detrimento do outro, mas os usamos sempre juntos, uma vez que não sabemos ao certo o que querem dizer quando não aparecem com uma definição logo em seguida.

Entendemos por educação alternativa e inovadora:

uma educação que vive o outro (alter), alteridade elevada à categoria de virtude colaborativa, escuta e silêncio ativos, desconstrução da importância exagerada de um currículo que sempre chega à frente dos sujeitos que aprendem. Uma educação alternativa é aquela na qual a centralidade está na abertura de um viver que encoraja, dá autoconfiança, garante o conhecimento universal e a transformação social, sem minimizar a autoaprendizagem, as práticas democráticas, autogestionadas e o conhecimento holístico. (RODRIGUES, 2017, no prelo)

No entanto, principalmente nas falas transcritas e nas entrevistas, notamos uma grande variedade de definições, muitas vezes antagônicas, vindas dos agentes do movimento de educação alternativa e inovadora do século XXI no Brasil.

Por último, destacamos a relevância das categorias da educação do futuro elaboradas por Moacyr Gadotti (2000). A partir do *Relatório para a Unesco da Comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI*, de Jacques Delors (1998), Gadotti listou atributos fundamentais para a educação do futuro que indicam os principais elementos do movimento de educação inovadora e alternativa objeto de estudo desta pesquisa.

Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser requerem, de acordo com Gadotti, as seguintes categorias: cidadania, planetariedade, sustentabilidade, virtualidade, globalização, transdisciplinariedade, dialogicidade e dialeticidade.

Esses foram conceitos muito presentes ao longo da pesquisa nas falas transcritas, dinâmicas conversacionais, respostas à entrevista e especialmente notável na evolução das programações da CONANE entre 2013 e 2017.

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa que teve como condição revisão de literatura e pesquisa documental, dinâmicas conversacionais, entrevistas estruturadas de resposta aberta e análise de rede sociais por meio de descritores como procedimentos metodológicos.

A revisão de literatura foi uma mistura de resgate de leituras de algumas vivências da graduação – entre disciplinas, projetos individualizados, projeto de iniciação científica, projetos de extensão de ação contínua – e da descoberta de novas referências à medida que o estudo tomava forma nos encontros de orientação do trabalho final de curso. Foi a garantia das condições de possibilidade para a pesquisa qualitativa.

Entre as disciplinas, destacamos as seguintes: “Tópicos Especiais em Prática Pedagógica – Práticas Inovadoras na Educação”, “Práticas Midiáticas na Educação”, “Sociologia da Educação”, “Filosofia da Educação”, “História da Educação”, “O Educando com necessidades especiais”, “Didática Fundamental” e “Desenvolvimento Psicológico e Ensino”.

Consultamos leituras compartilhadas durante os Projetos Individualizados: 3.1 – Pedagogia Waldorf, 3.2 – Fotografia e Educação, 4.1 – Prática Docente 1 (Prática Pedagógicas Inovadoras) e 4.2 – Prática Docente 2 (Prática Pedagógicas Inovadoras).

Também foram importantes as obras acessadas graças ao Projeto de Iniciação Científica *Experiência, temporalidade e linguagem: algumas contribuições do pensamento de Walter Benjamin ao campo da Educação*, orientado pela Prof.^a Dr.^a Cláudia Guilmar Linhares Sanz, e às discussões no âmbito dos PEACs Política na Escola, Livros abertos: aqui todos contam, Autonomia e Alumiar.

Concentramo-nos em ler, fazer anotações e observar relações entre as leituras na primeira fase da pesquisa, para que, nas fases seguintes, pudéssemos retornar às referências de maneira mais ágil e direta, o que facilitou muito o trabalho nas fases seguintes.

Na busca por práticas inovadoras e alternativas em educação, também não estive desligada das leituras de interesses pessoais consideradas não acadêmicas, que muito influenciaram as formas de enxergar as práticas educacionais e a infância. Os quadrinhos, especialmente tirinhas e romances visuais, ou *Graphic Novels*, como são mais conhecidos, contribuíram muito para a visualização de situações educativas descritas por teorias educacionais estudadas.

Destacamos a importância de quadrinistas que se dedicaram ao universo da infância, como Quino com Mafalda, Felipe, Manolito, Susanita, Miguelito, Libertad e Guille; Bill Watterson com Calvin, Haroldo e Susie; Carol Rossetti com Lila, Su, Leco, Mel, Thiaguinho

e Ben; Liniers com Olga, Enriqueta e Fellini, e de suas histórias autobiográficas, Marjane Satrapi e Craig Thompson. Neste trabalho, suas obras têm tanta influência quanto as de teóricos e teóricas da Educação.

Neste trabalho, suas obras aparecem de forma mais concreta nas epígrafes e no anexo, mas, indiretamente, em todas as referências à educação e às infâncias da cartografia, especialmente nas partes 1 e 3, do Memorial e das Perspectivas Futuras.

2.1. Pesquisa documental

Assim como com os quadrinhos, o cinema sempre foi uma linguagem presente ao longo da pesquisa. Muitos filmes de diversos gêneros que tratam sobre educação estão, de alguma forma, inseridos neste trabalho, principalmente no Memorial e nas Perspectivas Futuras.

Reconhecemos que, tradicionalmente, esse espaço é destinado a apresentar a metodologia exclusiva da monografia, mas compreendemos o caráter global do trabalho e a relação intrínseca entre as três partes. Por isso aqui também nos lembramos de obras audiovisuais que contribuíram para a totalidade da escrita.

Além disso, alguns filmes, nos últimos anos, principalmente documentários, serviram como alavanca do movimento de educação inovadora e alternativa, que tem, nas produções culturais, um espaço promissor de difusão de ideias. Destacamos os seguintes filmes: *A educação proibida*, de German Doin e Verónica Guzzo; *Escolarizando o mundo – o último fardo do homem branco*, de Carol Black; *Pro dia nascer feliz*, de João Jardim; *Quando sinto que já sei*, de Antônio Sagrado, Raul Perez e Anderson Lima; *Sementes do nosso quintal*, de Fernanda Heinz Figueiredo; *Tarja Branca*, de Cacau Rhoden; e *Território do Brincar*, de David Reeks e Renata Meirelles.

Por fim, outras fontes documentais usadas na pesquisa foram as fotografias das facilitações gráficas e os áudios das falas das mesas da CONANE 2017, importantes registros cedidos pelo PEAC Alumiar, que trabalhou na cobertura dos eventos de Brasília nos anos de 2016 e 2017.

2.2. Dinâmicas conversacionais

As dinâmicas conversacionais foram referentes à participação nas edições da II CONANE, realizada em São Paulo, em 2015, e da CONANE Candanga, regional realizada em Brasília, em 2016. O principal motivo para a realização desta pesquisa foi conversar com colegas sobre as reflexões provenientes da CONANE e conhecer pessoas em conversas sobre a conferência.

Foi a partir do encontro dialógico com várias pessoas e das curiosidades que esses encontros geraram que surgiram perguntas como: “Qual é a nova educação a que os participantes da CONANE se referem?”; “Nova educação feita para quê/quem e por quem?”; “Por que a crise da democracia que vivemos atualmente não aparece em tantas falas?”; “O que aproxima as iniciativas participantes da CONANE? O que as distancia?”

Um dos sujeitos entrevistados respondeu que “educação é acender fogueiras, não encher baldes”. Esse foi exatamente o papel das dinâmicas conversacionais no trabalho. Elas acenderam a fogueira da vontade de investigar. Em outras palavras, elas também ensinaram a pesquisar.

2.3 Entrevistas

A metodologia e o referencial teórico foram escolhas simultâneas à descoberta das fontes da pesquisa qualitativa. Antes de elaborar a pergunta da entrevista, nós nos debruçamos, com atenção, nos registros de áudio das mesas da III CONANE e os degravamos, buscando investigar marcas de concepções educacionais, tendências pedagógicas e posicionamentos políticos na análise dos discursos dos participantes.

As dinâmicas conversacionais e o diário de campo da edição da conferência de 2015 e da regional de 2016 também contribuíram para a bagagem da investigação. A partir das impressões geradas, elaboramos o questionário. Optamos pelo método de pesquisa de opinião, ou *survey*, porque desejávamos responder às questões do tipo “o quê?”, “por quê?”, “como?”, e o nosso objeto de interesse acontece no presente, afinal estamos estudando as concepções e os posicionamentos de pessoas que atuam no cenário educacional atual.

A pesquisa *survey* pode ser descrita como a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população-alvo, por meio de um instrumento de pesquisa, normalmente um questionário. (FREITAS, OLIVEIRA, SACCOL e MOSCAROLA, 2000, p.105)

Seguindo o raciocínio, nossa população-alvo eram agentes do movimento atual de educação inovadora e alternativa no Brasil, e nosso grupo amostral foram as pessoas participantes das três edições da CONANE. As entrevistas foram resultado da aplicação de questionário estruturado de perguntas abertas. Optamos por enviar o questionário aos sujeitos entrevistados por uma questão prática, uma vez que os sujeitos do estudo vivem em diferentes estados brasileiros e em outros países da América Latina.

Ao todo, enviamos os questionários a 103 pessoas. A amostra era composta pelo grupo de pessoas que participaram das Mesas e dos Círculos de Partilha da III CONANE, exceto algumas, cujo endereço eletrônico não conseguimos obter por motivos variados, e pela comissão organizadora de todas as CONANEs. No fim do período de coleta de dados

da pesquisa, obtivemos 38 respostas de pessoas das mais diversas áreas de atuação na educação e de perfil muito variado.

Em respeito às orientações éticas para trabalhos que envolvem seres humanos, optamos por não identificar os entrevistados e suas instituições. A identificação de cada um dos entrevistados foi feita apenas pelo cargo que ocupa e pelo tipo de instituição em que trabalha. Por exemplo: “diretor(a) de ONG” ou “professor(a) universitário(a)”. Algumas vezes foi preciso substituir parte da citação, quando havia menção à própria instituição. Nesses casos, em vez de citar o nome, usamos “[nome da escola]” ou “[nome da fundação do entrevistado]”, evidenciando que o nome da instituição fora retirado.

2.4. Análise de redes sociais por descritores

Fizemos uma varredura de conteúdo relacionado às edições da CONANE desde 2013 – utilizando a ferramenta dos descritores virtuais e hiperlinks – e identificamos uma diversidade de materiais. Localizamos tanto publicações da página administrada pela organização da conferência quanto reproduções desse conteúdo por outras páginas, como as do Projeto Autonomia, do ENA, dos Semilleros Brasil e do Alumiar UnB. Encontramos até mesmo produções independentes de material sobre a CONANE, como foi o caso de postagens da página do “PorQueNão?”.

O “PorQueNão?” é um coletivo de mídia interdependente que difunde iniciativas que contribuem para o desenvolvimento de uma sociedade mais integrada e colaborativa por meio de projetos de transformação da realidade. Sua equipe produziu dois vídeos de entrevistas sobre a CONANE com participantes e organização da conferência no segundo semestre de 2017, quando esta pesquisa já estava em andamento. Os filmes, que também foram usados como material de pesquisa, consistem em respostas a perguntas fundamentais para nossa cartografia. O primeiro se chama “O que é educação pra você?”, e o segundo, “Como mudar a educação?”.

Agora, com o referencial teórico estabelecido e com esse material em mãos, prosseguimos à análise e à discussão desta pesquisa qualitativa, sem perder de vista a centralidade assumida pelas pesquisadoras neste estudo.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A análise e a discussão foram feitas na seguinte ordem: caracterização dos sujeitos pesquisados seguida da problematização das concepções educacionais encontradas, subdividida em 1. Concepção da educação sob o ponto de vista dos facilitadores de diálogos na CONANE; 2. Definições de uma prática inovadora e/ou alternativa em educação; 3. Possibilidades práticas de educação inovadora e/ou alternativa; 4. Educação e política: possibilidades na CONANE; 5. A CONANE como espaço formativo docente.

Os sujeitos pesquisados participaram das três edições da CONANE como coordenadores de mesa, mediadores ou facilitadores nos círculos de partilha. Como se trata de uma investigação que cobre um período de tempo de cinco anos, pudemos traçar o perfil mais detalhado apenas dos sujeitos que foram entrevistados no decorrer da pesquisa.

No total, a pesquisa contemplou a população de participantes das três edições. A I CONANE contou com a participação de 400 educadores em Brasília. Na II CONANE, cerca de 600 educadores participaram do evento em São Paulo, em que mais de noventa por cento eram formados por brasileiros. A III CONANE teve a presença do mesmo número de participantes, mas com representação de 11 países latino-americanos, em uma clara ampliação da abrangência. Boa parte deu-se pela realização do III Encuentro Nuestra America, que se realizou dias antes da III CONANE, em parceria com a coordenação desta.

O questionário estava dividido em duas partes. Na primeira parte fizemos perguntas de identificação e caracterização de cada participante, com as seguintes perguntas:

1. Qual o seu nome?
2. Quantos anos você tem?
3. Qual sua identidade de gênero?
4. Onde você atua no campo da educação?
5. Há quanto tempo você se relaciona com educação? E com práticas educacionais inovadoras?
6. Como você chegou à CONANE?
7. Você participou de quais edições da CONANE?
 - 2013
 - 2015
 - 2017

Na segunda parte, fizemos perguntas relacionadas diretamente à nossa pergunta de pesquisa e às questões norteadoras restantes:

1. O que é educação para você?

2. Na sua opinião, o que define uma prática inovadora e/ou alternativa em educação? Há diferença entre educação inovadora e educação alternativa? Se sim, qual?
3. Quais práticas você busca na efetivação das suas ideias de educação inovadora e/ou alternativa?
4. Para você qual a relação entre educação e política?
5. O que os encontros da CONANE proporcionaram à sua formação pessoal e profissional?

3.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

A seguir, traçamos o perfil dos sujeitos entrevistados, identificando quem são os participantes pesquisados, a fim de contextualizar e mapear suas atuações, para só então analisar suas respostas às questões que buscamos investigar em nossa pesquisa.

No total, trinta e oito participantes responderam ao questionário. Ele foi enviado por e-mail, usando a plataforma google. Escolhemos esse tipo de questionário de pesquisa de opinião porque nosso interesse estava voltado para o que está acontecendo no movimento de educação inovadora e alternativa. Não tínhamos interesse em controlar as variáveis. O ambiente natural era o melhor para estudar o fenômeno de interesse, e o objeto de interesse ocorre no presente e no passado recente. (FREITAS, OLIVEIRA, SACCOL e MOSCAROLA, 2000, p.10)

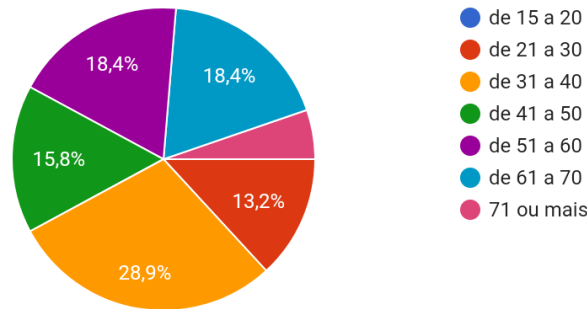
Observando que a coleta de dados foi encerrada em dezembro de 2017, de acordo com o Gráfico 1 a seguir, do total de pessoas entrevistadas, cinco tinham idade entre 21 a 30 anos (13,2%), onze tinham idade entre 31 a 40 anos (28,9%), seis tinham idade entre 41 a 50 anos (15,8%), sete tinham idade entre 51 a 60 anos (18,4%), sete tinham idade entre 61 a 70 anos (18,4%) e apenas duas tinham 71 anos ou mais (5,3%).

Importante salientar o quanto as questões intergeracionais foram favorecidas nas três edições, considerando que crianças e adolescentes também estiveram presentes, em número significativo, nas discussões e nas apresentações culturais.

Gráfico 1: Faixa etária dos sujeitos entrevistados

Quantos anos você tem?

38 respostas

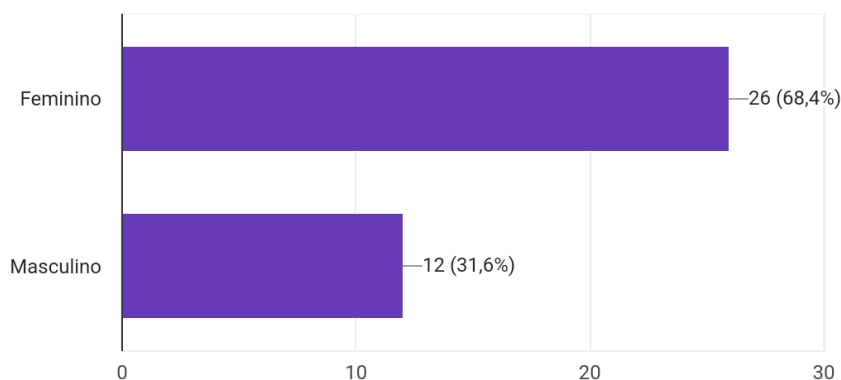


Segundo o Gráfico 2, das 38 pessoas entrevistadas, 26 eram mulheres (68,4%) e 12 eram homens (31,6%), fato que confirma a tendência histórica do Brasil do século XX, que estudiosas e estudiosos chamam de feminização do magistério, quando a docência passou a adquirir um caráter eminentemente feminino. Trata-se hoje de uma profissão expressivamente de mulheres. Os motivos para essa discrepância sem dúvida passam pela desigualdade social entre os gêneros no Brasil, questão que não poderíamos deixar de mencionar, apesar de não ser o foco desta pesquisa. (ALMEIDA, 1996, p. 23)

Gráfico 2: Gênero dos sujeitos entrevistados

Qual sua identidade de gênero?

38 respostas



Quanto às áreas de atuação, as respostas foram muito variadas. As pessoas eram trabalhadoras de institutos parceiros da sociedade civil organizada; professoras e professores da rede pública e privada da educação infantil ao ensino médio; professoras e

professores universitários ligados à formação de professores da educação básica; representantes de secretarias de educação estaduais; militantes autônomos da educação e da agroecologia; representantes de movimentos sociais; cinegrafista; consultores especialistas em educação e professoras de meditação.

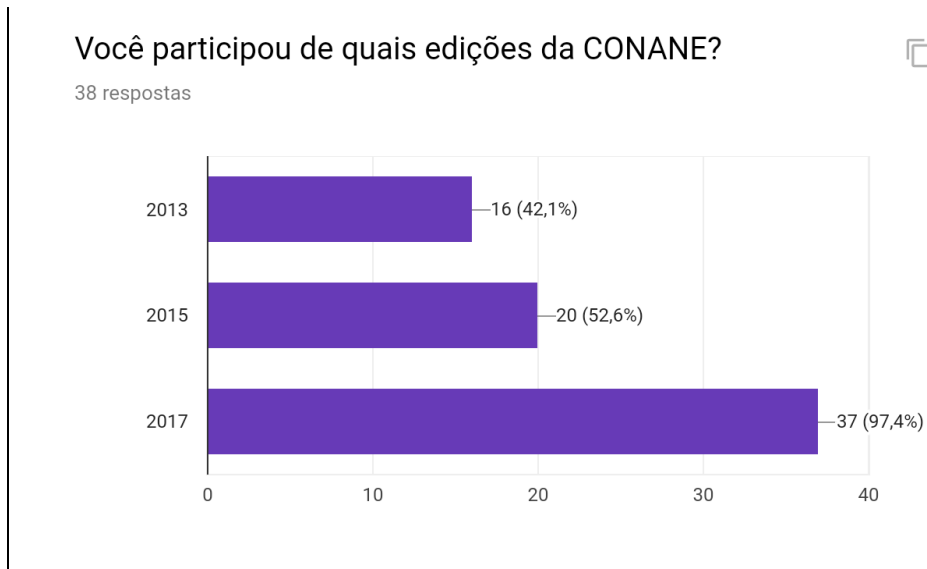
Podemos entender, a partir desse dado, que o interesse pela educação inovadora e/ou alternativa pode surgir nos mais diversos contextos sociais, econômicos, culturais e educacionais e que a CONANE permite que esses agentes, muitas vezes isolados, se encontrem e troquem experiências, estratégias, planos, dificuldades e tantos outros fatores presentes em suas vivências.

A diversidade também se manifestou quando perguntamos há quanto tempo os participantes da entrevista se relacionavam com educação e com práticas inovadoras. As respostas variaram entre 1 a 50 anos de envolvimento com educação – comumente os participantes não souberam dizer ao certo quando começaram a se dedicar a práticas educacionais inovadoras, uma vez que disseram ter sido um processo gradual de transformação na forma de ver e fazer educação.

Depois perguntamos como os participantes conheceram a CONANE e chegaram a ela, mais como forma de levantamento para a comissão organizadora da Conferência do que como um dado relevante à pergunta da pesquisa.

Por fim, perguntamos a respeito do histórico de participação nas edições da CONANE. Entre as pessoas entrevistadas, dezesseis participaram da I CONANE (42,1%), vinte participaram da II CONANE (52,6%) e 37 participaram da III CONANE (97,4%), conforme ilustrado no Gráfico 3.

Gráfico 3: Histórico de participação nas edições da CONANE dos sujeitos entrevistados



3.2 Concepções educacionais e problematização das respostas encontradas

Em seguida, nós nos voltamos especificamente para a segunda parte do questionário. Analisamos cada questão da segunda parte em separado, sem esquecermos a inter-relação entre as perguntas.

3.2.1 Concepção de educação dos facilitadores de diálogos na CONANE

O que é educação? Essa foi a primeira pergunta a que nossos entrevistados responderam, porque é a mais óbvia quando pensamos em termos de concepção pedagógica, mesmo sem usarmos o conceito em si. Depois de analisarmos as respostas, chegamos a oito tipos de entendimento do que seria educação.

O que chamamos de concepções, Lauro Darós chama de abordagens ou paradigmas, mas, independentemente do nome, concordamos com o autor em relação ao perigo que existe quando alternativas e inovações formam uma fachada para a manutenção de uma lógica tradicional e conservadora, que, sabemos, favorece poucos na nossa sociedade.

As abordagens, também denominadas paradigmas, não são puras. Há elementos dos paradigmas conservadores que interagem com elementos dos paradigmas inovadores. O perigo acontece quando os paradigmas conservadores prevalecem e estagnam o processo ensino-aprendizagem. A inovação pedagógica não deveria deixar muito espaço às práticas conservadoras. (DARÓS, 2007, p. 35)

Tathyana Barreira também chama atenção para o que entendemos como no mínimo

uma contradição, ou melhor, uma apropriação de práticas que deveriam ser de resistência política na educação, mas acabam fortalecendo as estruturas já estabelecidas e o *status quo*.

A ruptura parcial ou total com os invariantes anteriormente elencados tem impactos diretos nos processos pedagógicos e implicações no projeto da escola e em sua função social. Porém, não se trata da substituição de um modelo por outro. A maior parte dessas experiências encontra-se em processos dinâmicos de construção de seus projetos. Além disso, diferenciam-se muito entre si, inviabilizando uma análise conjunta e coletiva. Ademais, rupturas com alguns invariantes podem estar a serviço do reforço de outros. Por exemplo, mudando tempos e espaços para reforçar as relações de poder já existentes. (BARRERA, 2016, p. 129)

Tendo em vista os apontamentos dos dois autores, nós nos debruçamos sobre as respostas em busca de pontos em comum entre elas. Representamos as oito tendências pelas palavras-chave a seguir, aqui apresentadas em ordem decrescente de número de aparições: Processo, Encontro, Relação-Troca, Construção Política, Mediação, Socialização, Felicidade-Alegria e Autonomia. Grande parte das respostas não foram exclusivamente associadas a uma única palavra-chave; algumas apresentaram elementos de até quatro marcadores de sentido. A seguir apresentamos alguns exemplos de manifestações, um para cada palavra-chave escolhida.

1- Processo:

Es un proceso humano de relaciones que, de forma genuína, facilita la propensión a aprender y a relacionarse entre las personas. (Professora Universitária)

2- Encontro:

Para mim educação é o encontro de pessoas para entendermos quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Hoje ela é um campo em intensa disputa, pois estamos nos desvencilhando das antigas correntes e conseguindo construir um currículo de resistência que abarque mais diversidade, respeito e justiça. (Professor de escola privada)

2- Relação-troca:

Um espaço-tempo de convivência, de troca, de diálogo e de ensino e aprendizagem entre as pessoas. (Agente na sociedade civil organizada)

3- Construção política:

É forma como as pessoas que já estão no mundo apresentam aos que chegam como o mundo é. Juntos, velhos e novos, constroem o mundo como ele pode ser. (Professora de escola pública)

5- Mediação:

Forma de ser e estar no mundo em que vou me descobrindo a cada situação. Vou formando minha identidade como professora no decorrer das experiências que travo e procuro estar atenta à mediação entre os sujeitos e o conhecimento. (Professora Universitária)

6- Socialização:

De maneira geral, acredito que a educação (informal e formal) seja o alicerce de nossa sociedade... Dentro das famílias, os conceitos morais e éticos são vivenciados (ensinados), refletindo assim na sociedade. (Educador em agroecologia)

7- Felicidade-Alegria:

Abrir portas e janelas para ser e estar bem consigo, com as pessoas e com o mundo, no mundo, de forma criadora e respeitosa. (Professora universitária)

8- Autonomia:

Considero que Educação é o processo de desenvolvimento de conhecimento sobre si mesmo e sobre o mundo em que se vive. Assim, o sujeito, ao passo que se conhece melhor e conhece seu lugar, passa a saber se situar melhor no mundo, com consciência sobre suas reais possibilidades, seus desafios e suas capacidades para superá-los, a serviço tanto de si quanto da sociedade. (Professora de escola pública)

Um exemplo de resposta composta de vários significantes é a seguinte:

É um encontro entre pessoas – com níveis variados de sistematização, intencionalidade, formalização, etc. – em que agir juntos movimenta, desloca e transforma sistemas de conhecimentos, habilidades, atitudes, significados e emoções, talvez num sentido de complexificação e flexibilização. Em geral, entre os agentes envolvidos há uma certa assimetria (de conhecimentos, experiência, significados, etc.), o que dinamiza esse encontro; e, na educação que me interessa, há um esforço para o exame crítico de potenciais assimetrias de poder. Acho que essa é uma definição bem insuficiente, mas pelo menos ampla. Também acrescentaria, como provocação: a alegria é a prova dos nove! (Professora universitária)

Na resposta em questão, encontramos significantes das palavras-chave encontro, mediação, relação-troca, construção política e felicidade-alegria. É uma definição ampla, e ainda assim se entende por insuficiente, o que nos parece simbólico quanto à complexidade e simultânea singeleza das subjetividades no campo da educação.

3.2.2. Definições de uma prática inovadora e/ou alternativa em educação

Na análise das respostas a essa pergunta, utilizamos dois critérios diferentes para agrupá-las, porque na verdade trata-se de duas perguntas. O primeiro critério foi quanto à definição, e o segundo, quando à diferença entre educação inovadora e educação alternativa.

Quanto à definição, os marcadores foram os seguintes, indicados por números (do 1 ao 7): Criatividade, Participação-Resistência, Respeito aos Sujeitos, Diferente da Educação Tradicional, Uso de Novas Tecnologias, Adaptabilidade-Consciência de Incompletude, e Contra-hegemonia.

Quanto à diferença entre educação inovadora e educação alternativa, os marcadores foram indicados por letras (de A a F): “Sinônimos”, quando não havia diferença entre

alternativa e inovadora; “Diferentes”, quando havia diferenças entre as definições, mas não havia preferência de uma em detrimento da outra; “Inovadora>alternativa”, quando havia diferença, e o sujeito preferia o conceito de educação inovadora ao de educação alternativa; “Alternativa>inovadora”, quando havia diferença, e o sujeito preferia o conceito de educação alternativa ao de educação inovadora, “Não se aplica” e “?”, quando não conseguimos interpretar a resposta de algum respondente.

O esquema de números e letras facilita o entendimento de que a resposta de cada sujeito foi classificada seguindo os dois critérios, por exemplo, 1C ou 5D. A seguir, apresentamos exemplos de cada um dos marcadores:

1- Criatividade:

Uma prática inovadora de educação é uma solução criativa que resolve um problema real e local. Acredito que inovador e alternativa têm pequenas diferenças (vc pode ser inovador dentro do sistema tradicional e não se contradizer, em alguns casos). Mas os pontos de contato, de buscar novas alternativas educacionais, podem levar esses dois campos a trabalharem/serem vistos juntos. (Especialista em Educação do terceiro setor)

2- Participação-Resistência:

Uma prática educativa inovadora é aquela criada por seus agentes (educadores e educandos) com caráter democrático, inclusivo, integrado ao contexto social e transformador. (Educador em agroecologia)

4- Respeito aos Sujeitos:

Entendo que são práticas inovadoras aquelas que fogem do modelo tradicional, que pensam na ensinagem além da aprendizagem, que compreendem e respeitam o sujeito aprendiz como um ser inteiro, com corpo, cabeça, coração e alma. (Consultora em Educação)

5- Diferente da Educação Tradicional:

Prática inovadora em educação é aquela que estabelece ruptura com o modelo educacional da revolução Industrial, sendo inédita e útil, replicável. (Professor universitário)

5- Uso de Novas Tecnologias:

As práticas inovadoras envolvem novos mecanismos para a transmissão do conhecimento, como tecnologias de comunicação, ou formato de workshops, por exemplo. Já as práticas alternativas colocam o educando como sujeito ativo do processo de aprendizado e valorizam principalmente os interesses individuais. (12)

6- Adaptabilidade-Consciência de Incompletude:

O que define inovação para mim é a capacidade de determinado projeto ou modelo de dialogar com a realidade e com seus participantes e se modificar, alterar suas estratégias, repensar caminhos. Uma educação inovadora não se considera pronta, está sempre se recriando. Para mim, o termo alternativa se refere à noção de que tal modelo não é o hegemônico. Na prática, no Brasil, esses dois campos estão bastante ligados, diferentes grupos preferem um termo ou outro. (Agente na sociedade civil organizada)

7- Contra-Hegemonia:

Entendo que práticas alternativas são aquelas que visam a objetivos e metodologias distintos do padrão de educação dominante, tendo a finalidade de exercer uma força contra-hegemônica que possa transformar a vertente dominante de educação. Já educação inovadora me parece propor práticas diferenciadas, mas que não necessariamente se oponham ao padrão dominante. Educação com aplicação de mais tecnologia, por exemplo, pode ser inovadora, no sentido em que inova da prática regular; no entanto pode estar totalmente voltada ao sistema tradicional de ensino, que tem como prioridade formar mão de obra, e não necessariamente humanidade. (Coordenador de organização sem fins lucrativos)

A- “Sinônimos”:

Práticas Inovadoras e/ou Alternativas são ações e atitudes novas que diferem da educação tradicional, que traz novidade e abertura para a criança ou o jovem participarem do processo criativo. São práticas que estão dispostas a ouvir o outro. (Facilitadora de metodologias colaborativas)

B- “Diferentes”:

Prática inovadora precisa ser definida na relação com outra prática nos aspectos como concepção, metodologia, avaliação, conteúdo, etc. Educação Alternativa também se define na relação a outra educação. Alternativo a quê? A qual proposta? Em tese, nenhuma das duas é boa ou ruim. Precisam ser analisadas no contexto político, econômico, social, cultural e educacional. (Professora universitária)

C- “Inovadora>alternativa”:

Na escola, é Inovadora quando supera as contradições institucional aos que produzem exclusão, opressão e alienação. Inova quando liberta de tudo isso. É alternativa, quando simplesmente faz diferente do que é feito. Se caracteriza como performativa liberal. (Professora em escola pública)

D- “Alternativa>inovadora”:

Acho que ambas podem ser definidas como a busca por novas práxis educacionais. Nem toda educação inovadora é alternativa, na minha opinião, pois a própria inovação já está cooptada pelo capital, grandes empresas, bancos, governos, etc. A educação alternativa, para mim, é justamente a resistência ativa e propositiva a isso. (Facilitadora de workshops)

E- “Não se Aplica”:

Esta é uma questão conceitual. Precisamos tratar teoria e prática de forma indissociável. Por exemplo, uma escola que permite que seus estudantes estudem o que desejam, ainda no século XXI, é uma escola inovadora, uma vez que a maior parte delas não se abre para isto. Entretanto não é algo de fato inovador, pois temos registros de práticas assim já com Tolstoi na Rússia, Janusz Korczak na Polônia, em Summer Hill na Inglaterra, Escola da Ponte em Portugal e várias escolas já no Brasil. Estas experiências são também uma opção alternativa à escola convencional. (Representante de instituto da sociedade civil)

F- “?”:

Sim, nem tudo que é alternativo é inovação. (Professora universitária)

Também encontramos uma resposta que, ao mesmo tempo, tratava educação alternativa e educação inovadora como sinônimos e como conceitos diferentes, em virtude de os termos serem inadequados e de, apesar de terem significados diferentes para ela, serem usados indistintamente na prática.

Ambos são termos problemáticos, não? Etimologicamente prefiro o termo alternativo, por ser mais claramente algo que se refere a uma alternativa à educação tradicional, hegemônica e autoritária. O problema é que no uso, essa palavra se tornou muito identificada com uma caricatura de um ideário contracultura, uma coisa hippie, tilelê, etc. E isso não engloba o que entendo por práticas alternativas, mas meio que significa isso. O termo educação inovadora também é problemático, porque na verdade nos inspiramos em experiências e autores bem antigos. Mas, enfim, creio que usamos estes termos imperfeitamente para nos referirmos a práticas contra-hegemônicas, não tradicionais, não autoritárias, não bancárias. (o que é um problema – nos definirmos pelo avesso). (Professora universitária)

Na pesquisa, também identificamos terceiras vias à dicotomia inovação-alternativa. A primeira delas é o termo “educação alterativa”, usado por Silvia López de Maturana na III CONANE. Em suas palavras:

Llevamos cerca de 30 años trabajando en esta escuela, que la llamamos alterativas, porque no la llamamos alternativas. Alterativas alteran el orden establecido y trabajan con la alteridad, con el reconocimiento del otro como legítimo, entonces por eso hablamos de Educación Alterativa².

A segunda é o termo “práticas de resistência” em substituição a práticas inovadoras:

“Não acho prática inovadora um conceito muito adequado, prefiro práticas de resistência.” (Professor de escola pública)

Tantas maneiras de responder a essa pergunta escancaram a grande quantidade de tendências encontradas nos discursos dos sujeitos da pesquisa. *Na prática, no Brasil, esses dois nomes estão bastante ligados, mas diferentes grupos preferem um termo ou outro.*

Concluimos que a dicotomia educação alternativa e educação inovadora expressa pelas letras C e D evidencia a ausência de consenso quanto às definições dos dois conceitos. Essas divergências podem se tornar um obstáculo ao encontro de experiências pedagógicas semelhantes, mas que não se comunicam nos mesmos termos.

3.2.3. Possibilidades práticas de educação inovadora e/ou alternativa

A terceira pergunta consegue contemplar dois objetivos específicos da pesquisa: o de “identificar as origens históricas e geográficas dos participantes pesquisados a fim de

² Fala proferida por Silvia Lopez de Maturana na mesa Territórios educativos, inovação e sustentabilidade na III CONANE.

contextualizar e mapear suas atuações” e o de “investigar motivações e intencionalidades presentes nas práticas e/ou ideias educativas das pessoas entrevistadas.”

As respostas foram as mais diversas possíveis, evidenciando a riqueza de possibilidades de atuação com práticas educativas inovadoras e alternativas em diversos contextos, desde o ensino superior, passando pela educação básica, até nas aulas de meditação.

Seguem algumas respostas como exemplo:

São várias, mas acho que as mais fundamentais são aquelas que buscam incluir todos e todas nos processos de decisão, planejamento e avaliação das próprias práticas. Ou seja, as práticas democráticas. (Professora de escola pública)

Antes de mais nada, procurar despertar a sensibilidade dos professores (meus alunos) para que olhem seus educandos como gente, como pessoas, antes de serem "alunos"; que procurem perceber o estrago que estão fazendo ao reproduzirem, sem intenção, o modelo equivocado da escola. Procuro provocar situações em que se fortaleça o desejo, a curiosidade, a participação, a decisão democrática, a liberdade, a reflexão crítica, a valorização do conhecimento prévio, a partilha, a expressão, a cooperação, a produção de sentido. (Idealizador de centro pedagógico)

Por atuar com famílias agricultoras e agroflorestal, o principal objetivo é a transformação do ser humano a partir do aumento de sua autoestima, devido ao resultado (positivo) da implantação e manejo de sistemas agroflorestais que imita natureza (obra divina e perfeita). Assim acreditamos estar contribuindo de maneira positiva para ambiente (local e global) assim como para as próximas gerações (humanas, animais e vegetais). Outro aspecto que considero relevante é o fato de conhecer ao máximo cada pessoa que se esteja interagindo (pois assim é possível um melhor entendimento dos motivos e causas de muitos aspectos psicológicos). (Educador em agroecologia)

Nas minhas práticas busco fortalecer o sentimento de pertencimento ao próprio lugar, tendo em vista que agimos no nosso próprio território e podemos ser sujeitos transformadores à medida em que tenhamos consciência dos conflitos sociais e ambientais de nosso espaço. Acredito que a educação tem de ser voltada para a superação dos desafios socioambientais do século XXI e, por isso, deve focar na formação de sujeitos críticos, autônomos, conscientes e solidários, tendo como foco os direitos coletivos e a autonomia das comunidades locais. (Professora de escola pública)

Em primeiro lugar, práticas que favorecem a autonomia do estudante, tais como projetos e pesquisas. Ao lado disso, há um destaque grande para a participação do estudante, seja na elaboração das normas de convívio e solução para problemas (nas assembleias, reuniões de sala, comissões), seja na escolha de temas da composição curricular, seja na definição de suas próprias metas e ritmos. No que se refere ao plano dos valores, a questão da empatia e do respeito à diversidade são prioritárias, o que é praticado pelos mecanismos de resolução de conflitos, por práticas colaborativas e pelo ambiente inclusivo, seja do ponto de vista social, seja pela presença marcante de estudantes com dificuldades específicas. (Coordenadora de escola pública)

O elemento comum encontrado na maioria das respostas foi a busca por uma educação comprometida com a autonomia dos sujeitos da relação educacional. Mesmo quando o termo “autonomia” não aparecia explícito, ele norteava as escolhas de palavras nas produções de sentido.

3.2.4 Educação e política: possibilidades na CONANE

Esta nos pareceu ser a pergunta de mais difícil análise, porque as respostas de alguns dos sujeitos da pesquisa a esta questão pareceram contradizer teoricamente a resposta que haviam dado às perguntas anteriores.

Outra dificuldade foi a de agrupamento das questões. Nós as agrupamos de forma menos rígida e não criamos marcadores, mas as identificamos por algumas tendências.

A maioria das respostas estabeleceu uma relação intrínseca entre educação e política, de evidente influência freiriana, como os exemplos a seguir:

A educação é um ato político, pois visa, entre outras, a habilidades, desenvolvimento do senso crítico do educando, nascimento da consciência política, permitindo que o indivíduo seja capaz de promover transformação social. (Professora de escola pública)

São dois aspectos indissociáveis. Para ser educador/a é necessário assumir uma postura política, visão de mundo e de sociedade. Todo o processo educacional está permeando por ideologias, o currículo que se vai trabalhar, a relação de educador x educando, escola x comunidade, etc. (Professora de escola pública)

Entendo que a escola é um instrumento da res publica, da coisa pública. A educação é o caminho para o exercício da política (coeficientes de poder na pólis, busca do bem comum); ao mesmo tempo, a educação é marcada por opções, por visões de mundo, portanto, pela política (como sempre nos alertava Paulo Freire). (Idealizador de centro pedagógico)

Intrinsecamente conectadas. Nossa utopia é uma população educada (no sentido de empoderada para a ação coletiva crítica, criadora, autonomista e transformadora da realidade social) – o que seria a derrocada da velha política. Então, obviamente, educar é ato político. E, obviamente, educar de maneira tradicional é também ato político, a serviço do *status quo*. (Professora universitária)

Outro grupo maior estabeleceu a relação entre educação e política de cunho mais holístico, sendo a política apenas um dos aspectos formadores da natureza humana:

Para falar de educação integral, é preciso compreender que somos um ser integral, o que significa dizer que somos ao mesmo tempo psíquicos, fisiológicos, mas também culturais, sociais, históricos, políticos, o ser humano é um animal político, política é a arte do diálogo; se não estamos fazendo guerra, estamos fazendo política; tudo é política, somos todos educadores, educamos uns aos outros a todo o tempo através das relações, isso é da nossa natureza humana e política. (Representante de instituto da sociedade civil)

Nossa hipótese inicial de encontrar a maioria das respostas nesses dois primeiros sentidos se confirmou, e outras tendências nos surpreenderam. Visões críticas a respeito dos impactos da política institucional na realidade educacional do Brasil, especialmente escolar, apareceram com frequência:

É de dependência. Infelizmente, da dependência da educação relativamente a burocratas. (Consultor em educação inovadora)

A educação que a sociedade recebe referenda a política que nos rege. (Militante de movimentos sociais)

Total, não é por acaso que o Brasil vive essa grave crise política (intencional). Pela educação todo o sistema se mantém. Uma educação inovadora pressupõe espaço para o surgimento de uma nova forma de fazer política. Não é por acaso que não existe interesse que ela (educação) mude. (Consultora em projetos educacionais)

A resposta mais fora da curva trazia um discurso de negação da relação entre política e educação, tendo em vista uma visão pessimista acerca da política, entendida única e exclusivamente como a política institucional:

Infelizmente não é o que acontece, mas na minha opinião a educação deveria estar desvinculada da política e ser mais voltada para o desenvolvimento das relações pessoais e valores individuais. A política na educação favorece uma disputa egoica, nem sempre preocupada com a evolução coletiva. (Facilitadora de workshops)

Embora discursos esvaziados politicamente como esse pareçam estar acima de interesses de poder, eles sempre estão a serviço da manutenção do sistema como está. Ao contrário disso, na visão de educação como troca e colaboração, que tem como resultado a formação de cidadãos engajados, está implícito que toda educação tem um componente político, embora não necessariamente enquadrado em uma perspectiva única.

3.2.5 A CONANE como espaço formativo docente

Na última pergunta do questionário – “O que os encontros da CONANE proporcionaram à sua formação profissional?” –, encontramos cinco principais possibilidades de resposta, representadas pelas seguintes palavras-chave aqui apresentadas em ordem decrescente de número de aparições: rede de contatos, sentimento de esperança, novos conhecimentos, troca e desafios.

Destacamos que a maioria das respostas, assim como na primeira pergunta, tinham significantes de mais de uma representação, mas as classificamos conforme a predominância de significante. A seguir apresentamos alguns exemplos de fala, um para cada palavra-chave escolhida.

1- Rede de contatos:

Foi muito interessante para agregar com mais profissionais que estão na mesma busca e apresentar a nossa iniciativa. (Professora de escola pública)

2- Sentimento de esperança:

A CONANE é encontro e soma! Me alimenta. Volto pra casa nutrida. (Professora de escola pública)

3- Conhecimentos:

Dentre várias coisas, abriu minha cabeça para as várias experiências que estão acontecendo dentro e fora do Brasil. (Professora de escola pública)

4- Troca:

Conhecer a diversidade de práticas existentes. Fortalecimento de vínculos afetivos. Ideias para enriquecer o trabalho pedagógico. Respeito às diferenças. (Professora de escola pública)

5- Desafio:

Perceber que, apesar de muitas iniciativas, estamos longe de ter força suficiente, para fazer uma virada. Estamos desarticulados conceitualmente, institucionalmente e politicamente. O que é lamentável. Acredito que a CONANE terá que assumir um outro papel para que seja um agente mais efetivo e eficiente em prol de uma mudança estrutural da educação. (Consultora em Educação)

Diante de tantas visões diferentes sobre o papel da CONANE para as trajetórias pessoais dos sujeitos da pesquisa, encontramos um ponto comum, a formação docente. Como provocadora de rede de contato, sentimento de esperança, conhecimentos, troca e desafio, a conferência se configura como espaço formativo docente cheio de diversidade e possibilidade de encontros.

O movimento de ocupação das escolas que se espalhou pelo Brasil todo, não sei o quanto nós temos essa consciência, mas eles conquistaram quase todas as demandas que eles tinham. Só não conquistaram, por enquanto, o fim do projeto da previdência e as demandas nacionais, mas as demandas locais e estaduais da educação, todas os estudantes do movimento conquistaram. Isso demonstra uma força tremenda, a gente devia aprender com eles! Devíamos nos incluir no movimento deles, que é muito maior que o nosso.³

Convidamos, então, todas e todos que pensam e fazem educação – portanto, em constante processo de formação docente – a se abrirem para o encontro com a resistência a partir da experiência desses corajosos estudantes secundaristas. Afinal, nada mais inovador e alternativo, diante dos cenários político e educacional hegemônicos, que aprender com aqueles a quem deveríamos apenas transferir conhecimento. (FREIRE, 1996, p. 47)

³ Fala de Helena Singer na mesa Estratégias de fortalecimento e expansão das escolas inovadoras na III CONANE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em questão não pode nunca ser considerado concluído, uma vez que se dedica a estudar um processo em andamento, o qual é modificado por inúmeras variáveis, incluindo efeitos desta pesquisa, que, por sua vez, tem seus rumos alterados a partir do andamento do próprio processo que investiga.

A partir dos significantes encontrados e daqueles produzidos por nós ao longo da pesquisa, conseguimos traçar algumas imagens dos perfis educacionais que se manifestam entre os sujeitos identificados. Essas imagens não são como fotografias nítidas de concepções pedagógicas bem definidas como tipos puros weberianos, mas como uma foto da foto, que mistura o que os sujeitos manifestaram na pesquisa às nossas percepções sobre suas manifestações.

Além disso, as próprias peculiaridades da prática educacional e das subjetividades que perpassam a ela não permitem que se baseiem em uma única teoria ou tendência pedagógica. Por isso, quando nos referimos à determinada concepção educativa, na verdade falamos da concepção que aparece mais pronunciada em determinada fala ou resposta analisada em qualquer estágio desta pesquisa.

Nossa preocupação é justamente quando as concepções educativas não ficam evidentes nos discursos de algumas práticas educacionais pretensamente alternativas e inovadoras, que facilmente podem ser apropriados por práticas educacionais tradicionais, não-críticas e liberais, mesmo que com aspecto repaginado.

Identificamos na pesquisa que a CONANE caminha para a predominância de três discursos teóricos mais presentes embasando as iniciativas convidadas pelas edições da conferência. As experiências têm maior orientação nas teorias críticas, especialmente a Teoria Histórico-Cultural; nas teorias pós-modernas, entre elas o Pós-Estruturalismo, e nas teorias pós-coloniais e decoloniais, dialogando principalmente com a Teoria da Complexidade e com a militância intersetorial. As modalidades pedagógicas Construtivismo Pós-Piagetiano, Holismo, Ecopedagogia, Conhecimento em rede e Neopragmatismo também tiveram boa representação entre o material analisado.

Esperamos, com este trabalho, evidenciar a importância de unir a teoria à prática pedagógica – para constantemente pensar intencionalidades a partir da realidade – e a urgência por radicalizar os discursos e as ações educacionais do movimento de educação alternativa e inovadora do início do século XXI no Brasil, especialmente as concepções pedagógicas comprometidas com a transformação social.

A prática política da vida cotidiana está sempre ao alcance. E podemos, em espaços tão diversos e abertos como a CONANE, não só observá-la, mas ocupá-la como algo que temos de mais potente.

Sem dúvida, esse espaço de encontro, criação e crítica está aberto à diversidade e à diferença, assim como, visivelmente, à pluralidade, à transformação e ao fortalecimento dos discursos e das práticas de resistência às concepções pedagógicas que não reconheçam a urgência de novos paradigmas para cuidar do planeta e de todos que o habitam.



Quadrinho 3: *Toda Mafalda*, de Quino, p.407 (2010).

*A educação inovadora pode ser construída "de dentro" da educação que não é considerada "alternativa".
(Professora de escola pública)*

PARTE 3- PERSPECTIVAS FUTURAS

“Quando sinto que já sei”

Hoje sou uma educadora autonomista, militante do feminismo, do veganismo, do antiproibicionismo e da agroecologia, parceira nas lutas anti-LGBTfóbica, antirracista e anticapacitista. Tenho 27 anos e moro com meus pais e meu irmão no Grande Colorado, Distrito Federal.

Meu maior objetivo é estar na educação pública de forma comprometida com a formação das pessoas – crianças e adultas – com quem vou trabalhar, no sentido de juntas praticarmos uma educação emancipatória, empoderadora e agroecológica para todas e todos, uma educação que, ao mesmo tempo, respeite os tempos e os lugares da infância, as identidades presentes na escola, e que nos prepare para a cidadania plena em direitos e deveres.

Olhando para trás, vejo que o mais importante na minha formação até aqui foram os encontros, as pessoas e os afetos que passaram ou que permanecem na minha vida, assim como os efeitos que reverberam em mim e no ambiente a minha volta.

Tenho plena consciência de que sou uma pessoa extremamente privilegiada pelas oportunidades que tive e tenho, especialmente no continente que vivemos tão cheio de pobreza e desigualdades. Estar numa família que me ama muito e que pode me apoiar enquanto eu estudo para seguir a carreira que escolhi é o sonho que muita gente não pode perseguir.

Concluo o curso com a intenção de continuar estudando e atuando como pedagoga e educadora na rede pública. Desejo uma carreira de muito aprendizado, desafios e energia para superá-los. De imediato, meu objetivo é tomar posse na Secretaria de Educação do Distrito Federal, para a qual fui nomeada nos últimos dias. Quero trabalhar na Regional de Ensino do Paranoá e participar da vida cotidiana da comunidade, possivelmente me mudando para a região.

Sonho compor a equipe da recém-criada Comunidade de Aprendizagem do Paranoá – CAP, onde atuam educadoras e educadores cujo trabalho acompanho há 3 anos por meio do Fórum de Educadores do DF, em parceria com o Projeto Autonomia, e também da CONANE, que tornou esse encontro possível, assim como o Gaia Escola.

Por fim, um plano para os próximos anos é continuar meu caminho acadêmico com um mestrado, estudando pedagogias alternativas e resistência política de alguma forma, talvez unindo minha própria experiência e prática pedagógica à Filosofia da Educação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Gabriela. **Para onde caminham as escolas?** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014.
- ALMEIDA, J. S. de. **Mulheres na escola: Algumas reflexões sobre o magistério feminino.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 96, p. 71-78, fev., 1996.
- ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar: o fim dos vestibulares.** Campinas: Papirus, 2000.
- BARRERA, Tathiana Gouvêa da Silva. **O movimento brasileiro de renovação educacional no início do século XXI.** Tese (Doutorado em Educação) São Paulo: 2016.
- CAMPOLINA, Luciana. **Inovação educativa e subjetividade: a configuração da dimensão histórico-subjetiva implicada em um projeto inovador.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2012.
- DARÓS, Lauro. **Os paradigmas conservadores e inovadores e a prática pedagógica.** 2007. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
- DIB, Caio. **Caindo no Brasil: uma viagem pela diversidade da educação.** São Paulo: Ed. do Autor, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, Henrique; OLIVEIRA, Mírian; SACCOL, Amarolinda e MASCAROLA, Jean. **O método de pesquisa survey.** In: Revista de Administração, São Paulo v.35, p.105-112, julho/setembro 2000.
- Gadotti, Moacyr. **Perspectivas atuais da educação.** In: São Paulo em perspectiva, São Paulo 14(2) 2000.
- GOLDBERG, Maria Amélia. **Inovação educacional: grandezas e misérias da ideologia.** In: GARCIA, Walter. Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1980. p. 235-243.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- <http://conane.pro.br/>
- <https://red.reevo.org/>
- <https://www.ashoka.org/pt-br>
- <http://www.encuentrodenuestraamerica.org/>
- <http://www.porquena.org/>
- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 2014.

- _____. **Teorias Pedagógicas Modernas.** In: Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade. São Paulo: Alínea, 2005.
- LINIERS. **Macanudo 6.** Campinas: Zarabatana Books, 2013.
- MORIN, Edgar. **Ensinar a viver: Manifesto para mudar a educação.** Porto Alegre: Sulina, 2015.
- QUINO. **Toda Mafalda.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- RODRIGUES, Fátima Lucília Vidal. **Educação e práticas alternativas na América Latina.** 2017. No prelo.
- ROSSETTI, Carol. **Cores: a revolução começa no quarto de brinquedos.** Belo Horizonte: Editora do Autor, 2016.
- SATRAPI, Marjani. **Persépolis – completo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAVIANI, Demerval. **A filosofia da educação e o problema da inovação em educação.** In: GARCIA, Walter. Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1980. p. 15-29.
- _____. **Teorias Pedagógicas Contra-Hegemônicas no Brasil.** In: Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE. Foz do Iguaçu, 2008.
- THOMPSON, Craig. **Retalhos: um romance ilustrado.** São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- WATTERSON, Bill. **Existem tesouros em todo lugar.** São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2013.
- _____. **Os dias estão todos ocupados: as aventuras de Calvin e Haroldo.** São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011.
- _____. **Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo.** São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2012.
- _____. **Calvin e Haroldo: O livro do décimo aniversário.** São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2013.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

A ONDA. Direção: Dennis Gansel. 107 min. 2009 Alemanha. Título original: Die Welle

A EDUCAÇÃO Proibida. Direção: German Doin e Verónica Guzzo. 145 min. 2012 Argentina. Título original: La Educación Prohibida.

BRINQUEDO Popular do Nordeste. Direção: Pedro Jorge de Castro 20min. 1977 Brasil.

CEM crianças esperando um trem. Direção: Ignacio Agüero 55 min. 1988 Chile, Reino Unido. Título original: Cien niños esperando un tren.

COMO estrelas na terra. Direção: Aamir Khan. 175 min 2007 Índia. Título original: Taare Zameen Par.

COMO mudar a educação? CONANE 2017. Direção: Guto Zorello. 17 min. 2017 Brasil.

DEUS. Direção: André Miranda 12min. 2011 Brasil.

ENTRE os muros da escola. Direção: Laurent Cantet. 130 min. 2008 França. Título original: Entre le Murs

ESCOLARIZANDO o mundo – o último fardo do homem branco. Direção: Carol Black. 66 min. 2011 EUA/Índia.

GIRL Rising. Direção: Richard E. Robbins.101 min. 2013 EUA.

MARY and Max. Direção: Adam Elliot. 90 min. 2009. Austrália.

MEU amigo Nietzsche. Direção: Fáuston da Silva. 15 min. 2012. Brasil.

NUMA ESCOLA em Havana. Direção: Ernesto Daranas Serrano. 108 min. 2015 Cuba.

PAULO Freire – Contemporâneo. Direção: Toni Venturi 52 min. 2006 Brasil.

PRO DIA nascer feliz. Direção: João Jardim 89 min. 2006 Brasil.

O MENINO e o Mundo. Direção: Alê Abreu 80min 2013.

O QUE é educação pra você? Direção: Guto Zorello. 6 min. 2017.

QUANDO sinto que já sei. Direção: Antonio Sagrado, Raul Perez e Anderson Lima. 78 min. 2014 Brasil.

SEMENTES do nosso quintal. Direção: Fernanda Heinz Figueiredo 115 min 2012 Brasil

TARJA Branca. Direção: Cacau Rhoden 80 min 2014 Brasil.

TERRITÓRIO do Brincar. Direção: David Reeks e Renata Meirelles 90min 2015 Brasil.

THE WALL Direção: Alan Parker 95 min. 1982. Reino Unido.

APÉNDICE

Apêndice A: Termo de Consentimento livre e esclarecido

Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidada(o) a participar, como voluntária(o), da pesquisa intitulada "Concepções educacionais na Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação", conduzida por Natália de Oliveira Silva, aluna do curso de graduação em Pedagogia pela Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Doutora Fátima Lucília Vidal Rodrigues. Este estudo tem por objetivo cartografar as concepções educacionais apresentadas por diferentes agentes do movimento brasileiro de educação alternativa e inovadora, no início do século XXI, de participantes das três edições da Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação – CONANE.

Você foi selecionada(o) por ter participado de uma ou mais edições da CONANE. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. A participação não é remunerada nem implicará gastos para participantes.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder ao questionário on-line e enviá-lo no final. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais, e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

A pesquisadora responsável se compromete a tornar públicos, nos meios acadêmicos e científicos, os resultados obtidos de forma consolidada, sem qualquer identificação de indivíduos ou instituições participantes. Seguem os telefones e o endereço eletrônico da pesquisadora responsável, por meio dos quais você poderá tirar dúvidas sobre o projeto e a participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos das pesquisadoras responsáveis: Natália de Oliveira Silva (61)981850785, (61)32227953 e natalia.oliveira90@gmail.com; Fátima Lucília Vidal Rodrigues vidalrodrigues@yahoo.com.br.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação na pesquisa, da qual concordo participar.

Apêndice B: Questionário Perfil CONANE

Identificação:

8. Qual o seu nome?
9. Quantos anos você tem?
10. Qual sua identidade de gênero?
11. Onde você atua no campo da educação?
12. Há quanto tempo você se relaciona com educação? E com práticas educacionais inovadoras?
13. Como você chegou à CONANE?
14. Você participou de quais edições da CONANE?
 - 2013
 - 2015
 - 2017

Concepções:

6. O que é educação para você?
7. Na sua opinião, o que define uma prática inovadora e/ou alternativa em educação? Há diferença entre educação inovadora e educação alternativa? Se sim, qual?
8. Quais práticas você busca na efetivação das suas ideias de educação inovadora e/ou alternativa?
9. Para você qual a relação entre educação e política?
10. O que os encontros da CONANE proporcionaram à sua formação pessoal e profissional?

Muito obrigada pela participação!

ANEXO

Anexo A: Programação I CONANE



CONANE
conferência nacional
de alternativas para
uma nova educação

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” Paulo Freire

PROGRAMAÇÃO

19 NOVEMBRO 2013	
10:00 — 12:00	Credenciamento
12:00 — 14:00	Intervalo para o Almoço (Obs.: A organização do evento informará aos participantes sobre os restaurantes disponíveis no entorno do evento)
14:00 — 15:00	Abertura do evento e entrega do III Manifesto pela Educação ao Ministério da Educação
15:00 — 17:30	Apresentação dos registros do Edu on Tour Brasil 2013 Debate com Philippe Greier, Caio Dib, André Gravatá. Anfitriã: Sonia Goulart
17:30 — 18:00	Alimentar o corpo e a alma
18:00 — 18:30	Escola Vila Projeto de Gente – Alexandre Cavalcanti Instituto Chapada – Giovanna Zen
18:30 — 20:00	Exibição dos filmes “Amarelos” – Marcela Souza e Laura Lisboa e “Quando Sinto que Já sei” – Antonio Lovato
20:00 — 21:00	Debate com José Pacheco e Celso Vasconcelos Anfitriã: Jaqueline Moll
20 NOVEMBRO 2013	
08:00 — 08:30	Tribuna Livre (6 projetos)
08:30 — 10:00	Projeto Ancora (Cotia – SP) – Instituto Toca – Vivendo e Aprendendo (DF) Anfitriã: Simone Lima
10:00 — 10:30	Alimentar o corpo e a alma
10:30 — 12:00	Casa Escola (Paraty/RJ) – Gente (RJ) – Instituto Pandavas (Monteiro Lobato/SP) Anfitriã: Cláudia Passos
12:00 — 14:00	Intervalo para o Almoço
14:00 — 14:30	Tribuna Livre (6 projetos)
14:30 — 16:00	Escola Livre (Piracanga/BA) – Escola Vila (Fortaleza/CE) e Associação Cidade-Escola Aprendiz (SP) Anfitrião: Marco Aurelio Bilbio
16:00 — 16:30	Alimentar o corpo e a alma
16:30 — 18:30	CNV – Comunicação Não-Violenta – no contexto de uma nova educação – Dominic Barter
21 NOVEMBRO 2013	
08:00 — 08:30	Manifestinho - Coletivo Gaia Brasília - Projeto Autonomia
08:30 — 10:00	Projeto Araribá (Ubatuba/SP), Projeto Uerê (RJ) e UFPR – Matinhos (Matinhos/PR) Anfitriã – Márcia Acciolly
10:00 — 10:30	Alimentar o corpo e a alma
10:30 — 11:30	ANED – Associação Nacional de Ensino Domiciliar (Ricardo Iene). Experiências: Ana Thomaz, Sabrina Campos e André de Holanda. Anfitriã: Leena Kapish
11:30 — 12:00	Projeto Movi-mente (UNB) – Corporeidade na Escola – Dhyan Kapish
12:00 — 14:00	Intervalo para o Almoço
14:00 — 14:30	Tribuna Livre (6 projetos)
14:30 — 16:00	Escola Politéia (SP) – EMEF Amorim Lima (SP) e Colégio Viver Anfitriã: Ely Paschoalick
16:00 — 18:30	Filme: “Sementes do nosso Quintal”- Fernanda Heinz Figueiredo – Escola TeArte – Therezita Paganí e Elni Willms Anfitrião: Denis Plapler
18:30	Encerramento

Realização:



Figura 1: Programação da I CONANE (2013)

Anexo B: Programação II CONANE

CONANE
conferência nacional
de alternativas para
uma nova educação

5 DE SETEMBRO - SÁBADO

MANHÃ

ABERTURA E ENTREGA DE CRACHÁS

DE ABERTURA
 Maria Singer – Ministério da Educação
 Rogueira – Secretaria Municipal de Educação de São Paulo
 Maria de Santis – Gestora do CEU Heliópolis Prof. Arlete Persoli
 Maria Cleide Alves – Presidente da UNAS
 Valcheco – Gaia Escola
 Carlos Lima – Projeto Autonomia – UnB
 Amélia Cupertino – Colégio Viver
 Maria Yanês – Politeia Escola Democrática
 Maria Corrêa – Escola Oficina Pindorama

REFLEXÃO
de comunidade

EDUCAÇÃO POLÍTICA – CONANE como espaço de formação política
 Fabián García Lopez (Secretaria de Educação de Bogotá – Colômbia
 e do Rio de Janeiro)
 Maria Fátima Vidal

5 EDUCADORAS
 Maria de Deus – REEVO
 Maria de Deus – Românticos Conspiradores - Centro de Referências em
 Educação Integral – IDEC e Universidade das Culturas

TARDE

DEBATE
As greves dos professores estaduais de São Paulo e Paraná (Sale)

OFICINAS
 Produção de Conteúdo para Mídias (Pedal)
 Pedagogia da Cooperação

RODAS DE CONVERSAS
 Movimento Entusiasmo
 Desescolarização
 Territórios educativos/aprender na cidade
 Gala Escola – proposta de formação para uma escola inovadora
 Redes Educadoras: REEVO, Rede Nacional Primeira Infância,
 Rede Escolas Transformadoras
 Educação Anarquista

PERMACULTURA – construção de uma nova vida
 Propostas de alternativas para a nova educação
 Pontos de acordo e discordâncias; definição de princípios básicos
 Educação: um direito humano,
 Inclusão Social e Educação

VIVÊNCIAS
 Corporeidade na educação
 Rodas de capoeira e de samba

Figura 2: Programação do primeiro dia da II CONANE (2015)



MANHÃ

INTEGRAÇÃO

Cooperação na educação
Facilitador: 7 Saberes

EIXO FORMAÇÃO PARA A NOVA EDUCAÇÃO

Convidado: Anna Dragow (Crecer em Libertad - Colômbia)
Anfitriã: Simone Lima

EXPERIÊNCIAS NACIONAIS

Anfitrião: Yvan Dourado
Casa Redonda - Maria Amélia Pereira (Peo)
Amorim Lima - Ana Elisa Pereira Flaquer de Siqueira
CIEJA Campo Limpo - Eda Luis
Politeia Escola Democrática - Aline Chamone

TARDE

OFICINA DE PRODUÇÃO DE CONTEÚDO PARA MÍDIAS (F

RODAS DE CONVERSAS

- Alternativas para primeira infância, educação ativa e participação das famílias nos espaços educativos (Projeto L
- A construção de um currículo flexível e participativo
- Medicalização e Educação
- Educação, Marxismo e Revolução
- Educação Viva
- Universidade Livre Fora do Eixo
- Comunidade de aprendizagem
- Escolas Transformadoras
- Humanização do Parto – como queremos receber nossas crianças no mundo?
- Educação em Direitos
- Pedagogia Comunitária – uma opção para a formação de um educador com compromisso pedagógico, político
- Universidad La Serena - Chile

TEATRO

"Para os filhos dos filhos dos nossos filhos"

LIVRE

Danças Populares



MANHÃ

COOPERAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Facilitador: 7 Saberes

EIXO EDUCAÇÃO INOVADORA

RELAÇÃO COM PODER GOVERNAMENTAL E LEGISLAÇÃO

Convidados:

Justo Mendez Aramburu (Nuestra Escuela e ENA – Porto Rico)

Helena Singer (MEC)

Anfitriã: Sonia Gouliart

EXPERIÊNCIAS NACIONAIS

Anfitriã: Ana Claudia Leite (Instituto Alana)

Indicadores de Qualidade na Educação José Pacheco,

Pedro Demo e Cláudia Passos

Faculdade de Educação - USP Elie Ghanen e Sonia Kruppa

TARDE

OFICINAS

-Jogos musicais para educação
-Vivências inclusivas e tecnologia assistiva no contexto pedagógico

RODA DE CONVERSAS

-III Manifesto pela Educação
-Avaliação - Novas formas, parâmetros e instrumentos
-Integração dos níveis educacionais da educação infantil à pós-graduação
-Educação Transformadora na Rede Pública
-Arte e Educação

ENCERRAMENTO

Ministro da Educação – Renato Janine Ribeiro

Figura 4: Programação do terceiro dia da II CONANE (2015)

Anexo C: Programação III CONANE

<p style="text-align: center;">III CONANE – CONFERENCIA NACIONAL DE ALTERNATIVAS PARA A NOVA EDUCAÇÃO</p> <p style="text-align: center;"><i>Inovação e Sustentabilidade</i></p> <p style="text-align: center;">15 a 17 de Junho de 2017</p> <p style="text-align: center;">Local: BRASÍLIA/DF</p> <p style="text-align: center;">EAPE - Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação SGAS 907 – Conjunto A</p> <p style="text-align: center;">Realização: Coordenação Nacional da CONANE e Projeto Autonomia/UnB</p> <p style="text-align: center;">Parceiros: Fundação Telefônica Vivo/ Instituto Alana / Escolas Transformadoras - Ashoka/ Escola Vivendo e Aprendendo/ EAPE-DF/Projeto Semillero(UnB)</p>	
PRIMEIRO DIA - 15 de Junho	
08:00	Recepção: Crianças da Escola Vivendo e Aprendendo/DF Abertura - INSTITUTO BATUCAR (recepção aos participantes)
08:30 - 09:15	Desafio: TERRITÓRIOS EDUCATIVOS, INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE Desafiadores: Carlos Calvo (Chile – Universidade La Serena), Silvia Lopez de Maturana (Chile-Universidade La Serena) e Fátima Vidal (Projeto Autonomia -UnB) Experiências participantes: Bairro Educador Heliópolis – <i>Marília Santis</i> Felipe Camarão/RN – <i>Vera Santana</i> Coopera Floresta - SP - <i>Artur Dalton Lima</i> SERTA/PE - Formação de Professores do Campo - <i>Abdalaziz de Moura</i>
09:15 - 09:45	Vídeos dos espaços educativos – cada espaço educativo mostrará seu projeto em um vídeo de até 5 minutos
09:45 - 10:45	Debate com o desafiador e os representantes dos espaços educativos
10:45 - 11:10	Intervalo Cultural – Filme: <i>A Festa dos Encantados</i> - Direção: <i>Masanori Ohashy</i>
11:15 - 12:00	Fazer o quê? - <i>Atividades propostas pelos participantes do debate (45 minutos)</i> Cada espaço educativo vai propor uma atividade com os participantes, nos espaços do evento. As atividades serão divulgadas em painel, no início da manhã, para que as pessoas escolham onde participar.
12:00 - 14:00	ALMOÇO - não haverá almoço no local, que é bem acessível. Divulgaremos restaurantes próximos. Teremos uma mesa de lanche coletivo que ficará permanentemente posta, com café e água, para que as pessoas se alimentem quando quiserem.
14:00 - 16:00	Círculos de Partilha, Aprendizagem e Ação - os participantes se dividirão por 10 grupos temáticos, onde debaterão com educadores convidados, durante o primeiro e o segundo dia, elaborando um plano de ação para ser realizado até a Conane 2019 . O plano de ação será apresentado por dois representantes do grupo na tarde do último dia.
Círculo 1	<p>FORTEALECIMENTO DAS ESCOLAS EM PROCESSO DE INOVAÇÃO - SUPORTE E CONTINUIDADE</p> <p>José Pacheco - Ecohabitare e Projeto Âncora Helena Singer - Centro de Referências em Educação Integral Claudia Passos - Gaia Escola/Escolas em Transição Raquel Franzim - Instituto Alana Renata Resende - CAP Paranoá/DF Leila Rocha Sarmiento Coelho - Escola N.S. do Carmo - Bananeiras/PB</p>

Figura 5: Programação da III CONANE (2017)

Círculo 2	CONSTRUÇÃO DO PPP COM AUTONOMIA PEDAGÓGICA - AVANÇOS E OBSTÁCULOS	Laila Sala - EMEF Campos Sales David José de Andrade Silva - IFPR - Campus Jacarezinho (Programa Escolas Transformadoras) Marília de Santis - CEU Heliópolis Edna Maria da Silva - NEI/Cap/UFRN Patrícia Pederiva - UnB
Círculo 3	EDUCADOR - DOENÇA E SOLIDARIEDADE	Regina Pedroza - Projeto Autonomia/UnB Lucia Pulino - UnB Martha Scárdua - Escola Classe 115 norte Silvia Lignon Carneiro - Escola Amigos do Verde/RS Taís Ribeiro Brasil Russo - Escola Amigos do Verde/RS
Círculo 4	REFORMA DO ENSINO MÉDIO	Sergio Godinho - Escola da Serra/MG Elton Luz Lopes - Escola Estadual Alan Pinho Tabosa - Pentecoste/CE (Programa Escolas Transformadoras) Livia Freitas - Diretora Faculdade de Educação UnB
Círculo 5	TRANSFORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO PELA MÃO DOS EDUCANDOS	Valdo Cavallet - Universidade Litoral PR Antonio Lovato - Ashoka Caio Dib - Caindo no Brasil Estudantes do Movimento Ocupa Escola - DF Gabriel Salgado - Criativos da Escola Luciana Oliveira - Projeto Reeducação Giovanna Araujo - Secretaria Municipal de Educação de Natal-RN Marcia Acioli - Projeto Onda/DF
Círculo 6	FACILITAÇÃO DO DIÁLOGO NAS ESCOLAS	Celso Vasconcellos - Pedagogia da Alegria Maria Amélia Cupertino - Colégio Viver Silvia Lopez de Maturana - Chile (La Serena) Clauu Correa - Pindorama Regina Pundek - Kid's Home Educação infantil Bilingue
Círculo 7	INCLUSÃO , DIVERSIDADE E GÊNERO NA ESCOLA	Maria Antonia Goulart - Movimento de Ação e Inovação Social - MAIS Ana Elisa - EMEF Amorim Lima Lenir Maristela Silva - UFPR Litoral Valdicea Tavares - CAS Asa SulDF
Círculo 8	SAUDE NA ESCOLA - MEDICALIZAÇÃO DA INFANCIA	Beatriz de Paula Souza - Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade. Alexandre Cavalcanti - Vila Escola Projeto de Gente Denis Plapler - AbCd Desmedicalização
Círculo 9	DESAFIO PEDAGOGICO DA ALFABETIZAÇÃO - CRIANÇAS E ADULTOS	Eda Luiz - CIEJA Campo Limpo /SP (Programa Escolas Transformadoras) Maria Alexandra Militão Rodrigues - UnB Johan Esteban Saézn Ríos - Semillero Colombia
Círculo 10	MÍDIA E EDUCAÇÃO	André Luiz Oliveira - Equipe Sala Anderson Lima - Pedal Claudia Guilmar Linhares Sanz - UnB Maira Toledo - FAAP/SP Cristiane Portela - Canal E - SE/DF Juliana Villada Sáenz - Semillero Colombia
Círculo 11	EDUCAÇÃO, DEMOCRACIA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA	Yvan Dourado - Politeia/SP Bruno Martins - Rede Nacional de Educação Democrática/Escola Lumiar Pedro Gontijo - UnB

Figura 6: Programação da III CONANE (2017)

16:00 - 17:00	<p>ENCONTROS - PELAS ESQUINAS DA EDUCAÇÃO</p> <p>Tempo livre para que os participantes façam contatos entre si, com as escolas presentes, possam ver o VARAL DE EXPERIÊNCIAS, partilhar suas vivências e assistir às atividades abertas:</p> <p>- Apresentação "Transformação Vivencial - Escolas em Transição" e "Prevenção à Corrupção na Escola" Claudia Passos - <i>Ecohabitare</i> Paulina Romaniello - <i>Escola Inkiri Piracanga</i> - Jailton Almeida - <i>Ministério Público Federal</i></p> <p>- Apresentação Rede Semillero de Investigación - Colombia Juliana Villada Saenz - Tulia Inéz Román - Lizeth Buitrago Orozco -Esteban Sáenz Ríos - Joseph Valencia Vera</p> <p>- Apresentação Multiversidade - Inicando uma Universidade Democrática Alex Bretas</p> <p>- Lançamento do Livro <i>Histórias de Educação - Viagens e "Viagens"</i> Beatriz de Paula Souza</p>
17:00 - 17:30	<p>Lançamento de livro "O Futuro da Educação é Agora". - Tathyana Gouvea e Phillipe Greier - Auditório.</p> <p>Livro elaborado coletivamente por 16 líderes atuantes na educação de diversos países, que compartilham suas experiências e reflexões.</p>
17:30	Bonde cultural - MARTINHA DO COCO
SEGUNDO DIA - 16 de Junho	
08:30	<p>Abertura - Palavras de Estudante - Alunos do movimento Projeto Onda - DF</p> <p>Vídeo - Ocupação das Escolas</p>
08:30 - 09:15	<p>Desafio: ESTRATÉGIAS DE FORTALECIMENTO E EXPANSÃO DAS ESCOLAS INOVADORAS</p> <p>Desafiadores: JOSÉ PACHECO (Projeto Âncora/EcoHabitare) HELENA SINGER (Centro de Referências em Educação Integral) e SONIA GOULART (Conane Nacional)</p> <p>Experiências participantes:</p> <p>Vila Escola Projeto de Gente/BA- <i>Alexandre Cavalcanti</i> EMEF Zeferino Lopes de Castro – Viamão/RS - <i>Rosa Maria Stalivieri</i> (Projeto Inova Escola-FTV) Escola Vila Verde - Alto Paraíso/Goiás - <i>Fernando Leão</i> Escola D'Água/UFOPA- <i>Lucineide Pinheiro</i> EM André Urani/GENTE- RJ - <i>Luana Raquel da Silva Rezende</i> (Projeto Inova Escola - FTV)</p>
09:15 - 09:45	Vídeos dos espaços educativos – mostrando o projeto de cada um (vídeo de até 5 minutos para cada espaço educativo)
09:45 - 10:45	Debate com o desafiador e os representantes dos espaços educativos
10:45 - 11:15	Intervalo Cultural - BATALHA DA ESCADA
11:15 - 12:00	Fazer o quê? - <i>Atividades propostas pelos participantes do debate.</i>
12:00- 14:00	ALMOÇO
14:00 - 15:00	<p>Apresentação de Experiências dos Educadores Latino-Americanos do IV ENA (Auditório e duas salas)</p> <p>Total: 11 apresentações</p> <p>Ignacio Carrasco - Chile Montserrat Magem Vilá - El Salvador Justo Méndez Arámburu y Ana Yris Guzmán Torres - Porto Rico Dino Segura - Colombia Herman Van de Velde - Nicarágua Nahuel Casademunt - Argentina Alicia Montes de Oca - Uruguai Germán Doin - Argentina Simon Martínez - Argentina Ginés del Castillo - Argentina Yvan Dourado - Brasil</p>

Figura 7: Programação da III CONANE (2017)

15:00 - 15:45	Lançamento da publicação digital “Protagonismo - a potência de ação da comunidade escolar” - Programa Escolas Transformadoras - Ashoka/Alana . Fruto da roda de debate pública realizada em novembro de 2016, a publicação reúne 10 artigos com reflexões e relatos de experiências de lideranças de escolas do Brasil e da América Latina, comunicadores, especialistas em educação, estudantes e empreendedores sociais Ashoka. O lançamento da publicação terá ainda um debate sobre o tema com convidados do Programa Escolas Transformadoras Brasil, uma correalização da Ashoka e do Instituto Alana. Auditório .	
15:50 - 17:45	Rodas de Conversa - temas sugeridos para as rodas de conversa pelos educadores Toda roda terá um registro fotográfico e escrito. As rodas serão indicadas pela manhã no painel e os participantes se inscreverão nas listas do painel. As rodas serão momentos de inspiração para as ações a serem propostas pelos círculos.	
Roda 1	Afetividade e Educação	Celso Vasconcellos - Pedagogia da Alegria Sílvia Reichman - Escola Rural Dendê da Serra - Serra Grande/BA (Programa Escolas Transformadoras) Juliana Nogueira - Projeto Cuidante/DF Regina Pundek - Kid's Home Educação infantil Bilingue
Roda 2	Educadores sonhadores - a busca solitária pela inovação na escola tradicional	Clessio Bastos - Looking4Heroes Eliane Rosa dos Santos - Movimento Tertúlia/DF Paula Lobo - Fórum Autonomia DF Patrícia Pederiva - UnB
Roda 3	Fontes de Suporte: Escolas irmãs/Avizinhar-se/Residência pedagógica	Claau Correa - Pindorama / SP Fatima Vidal - Projetos Autonomia e Semillero Denis Plapler - Residência Pedagógica Blanca Nelly Gallardo Cerón e Sara Emilia Garzón Patiño - Red Local de Semilleros de Investigación - Colombia
Roda 4	A crise institucional da escola pública e o papel do Estado	Jacqueline Moll - UFRGS Manoel Galdino - Transparência Brasil Alexandre Rodrigues - Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro Justina Iva de Araújo Silva - Secretária Municipal de Educação - Natal/RN
Roda 5	Tecnologia, inovação e educação	Andrea Versuti - FE-UnB João Paulo Pontes - EMEF Maria Luiza Fornasier Franzin - Águas de São Pedro/SP -(Projeto Inova Escola - FTV) Maria Lucia Ferreira de Melo e Jessica Soatman - EM Manoel Domingos – Vitória de Santo Antão/PE - (Projeto Inova Escola - FTV) Wilson Azevedo - Aquifolium Educacional Vinicius Rodrigues - Sinestesia Mutante
Roda 6	Sustentabilidade financeira das iniciativas inovadoras	Yvan Dourado - Politeia/SP Caio Dib - Caindo no Brasil Etéocles Monteiro - Escola Vivendo e Aprendendo/DF Bia Salomão - Sinestesia Mutante
Roda 7	Educação dos Povos Tradicionais	Justino Sarmiento Rezende - UFAM Mônica Nogueira - MESPT - Mestrado Profissional de Sustentabilidade junto à Povos e Terras Tradicionais (UnB) Wanderson Flor do Nascimento - UnB Mauricio Antunes Tavares - UFPE - Museologia Social - Museu na Comunidade

Figura 8: Programação da III CONANE (2017)

Roda 8	Educação de Crianças e Adolescentes no Século XXI - amorosidade e mundo globalizado	Alexandre Cavalcanti - Vila Escola Projeto de Gente/BA Marina Cristal - Vila Escola Projeto de Gente/BA Yanola Gonzalez Diaz - Universidade La Serena - Chile Cristina Massoti Madeira Coelho - UnB
Roda 9	Gestão Democrática dos Espaços Educativos	Lays Caroline Silva - Escola Vivendo e Aprendendo/DF Marta Caldas - Escola Classe 115 Norte Jackeline Corrêa de Sousa - Coletivo da Cidade
Roda 10	Educação Integral	Glauce Gouveia – Fundação Joaquim Nabuco Lucineide Pinheiro – UFOPA Vera Santana – Instituto TerraMar Giovanna Araujo da Silva - Comitê Territorial de Educação Integral do RN
Oficina 1	Pedagogia da Cooperação	Fabio Brotto e Denise Jayme
Oficina 2	Ateliê Aberto de Sensibilidade	Mauro Lopez Rego, Vera Rôças
Oficina 3	Learner Experience - Design de Experiencia de aprendizado centrada no aprendiz	Gustavo Caldas Britto
Oficina 4	CRIE - Movimento Maker e curadoria de conteúdo unidos por um Pinterest (uso das tecnologias difitais pelo educador)	Dani Veroneze - Equipe Sala
Oficina 5	Sistematização de Assembleias nas Escolas - protagonismo de crianças e adolescentes	Anderson Lima - Pedal
Oficina 6	Plena Atenção na Escola - PAE	Glicia Silveira, Ana Cláudia Messias de Lima Martins, Regis Guimarães
17:45 - 18:45	Círculos de Partilha, Aprendizagem e Ação - fechamento das ações nos grupos temáticos e indicação dos apresentadores.	
18:45	Bonde cultural - JONGO DO CERRADO	
TERCEIRO DIA - 17 de Junho		
08:00	Abertura - Coletivo da Cidade	
08:30 - 09:30	Desafio: RUPTURA E OUSADIA NA EDUCAÇÃO Desafiadores: Valdo Cavallet (UFPR Litoral), Paula Sibilia (UFF/RJ) Experiências para o debate: Escola Livre Ainy - <i>Thiago Berto</i> - <i>Guaporé/RS</i> Escola da Serra/MG - <i>Sergio Godinho</i> UFPR Litoral - <i>Lenir Maristela</i> Escola na Rua - <i>Luna Lambert</i>	
09:30 - 10:00	Vídeos dos espaços educativos – mostrando o projeto de cada um (vídeo de até 5 minutos para cada espaço educativo)	
10:00 - 11:00	Debate com o desafiador e os representantes dos espaços educativos	
11:00 - 11:30	Voz e expressão - Uliana Dias Campos Ferlim (UnB) - Professora da Graduação de Música da UnB	
11:30 - 13:30	ALMOÇO	

Figura 9: Programação da III CONANE (2017)

13:30 - 14:30	Sri Prem Baba - Educação para a Paz
14:30 - 14:45	Intervalo Cultural - Lilia Diniz - poeta
14:45 a 15:30	Apresentação Ações - Círculos 1, 2, 3 e 4
15:30 - 16:15	Apresentação Ações - Círculos 5, 6, 7 e 8
16:15 - 16:30	Intervalo Cultural - Prem Yashen - musicista e poeta
16:30 - 17:00	Apresentação Ações - Círculos 9, 10 e 11
17:00 - 17:30	Universidade Livre Pampédia - Dora Incontri/Mauricio Zanolini
17:30	Fechamento - GRUPO PERCUSSIVO VIVENDO E BATUCANDO

Figura 10: Programação da III CONANE (2017)

Anexo D: Facilitações gráficas da CONANE 2017



Figura 5: Facilitação gráfica da mesa de 15/06/2017 "Territórios educativos, Inovação e Sustentabilidade"

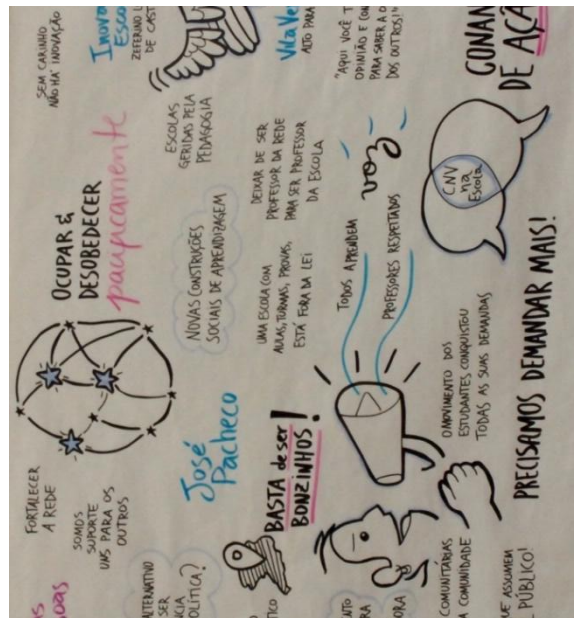


Figura 6: Facilitação gráfica da mesa de 16/06/2017 "Estratégias de fortalecimento das Escolas Inovadoras"

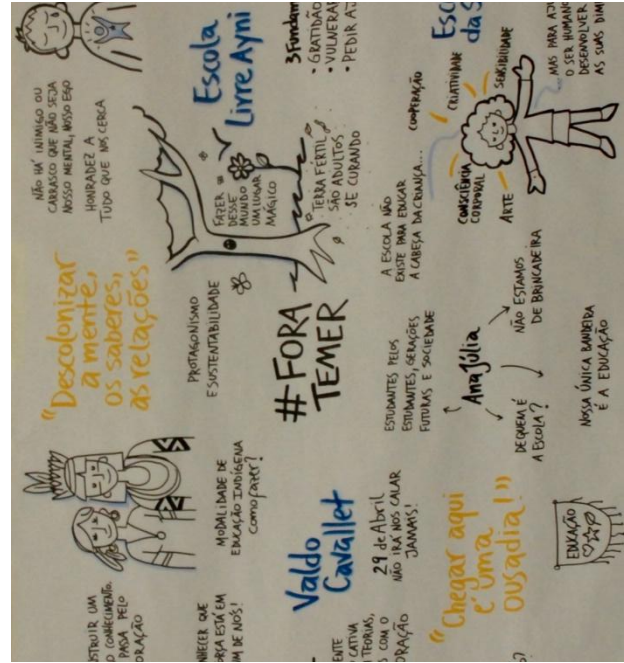


Figura 7: Facilitação gráfica da mesa do dia 17/06/2017 "Ruptura, Ousadia e Educação"

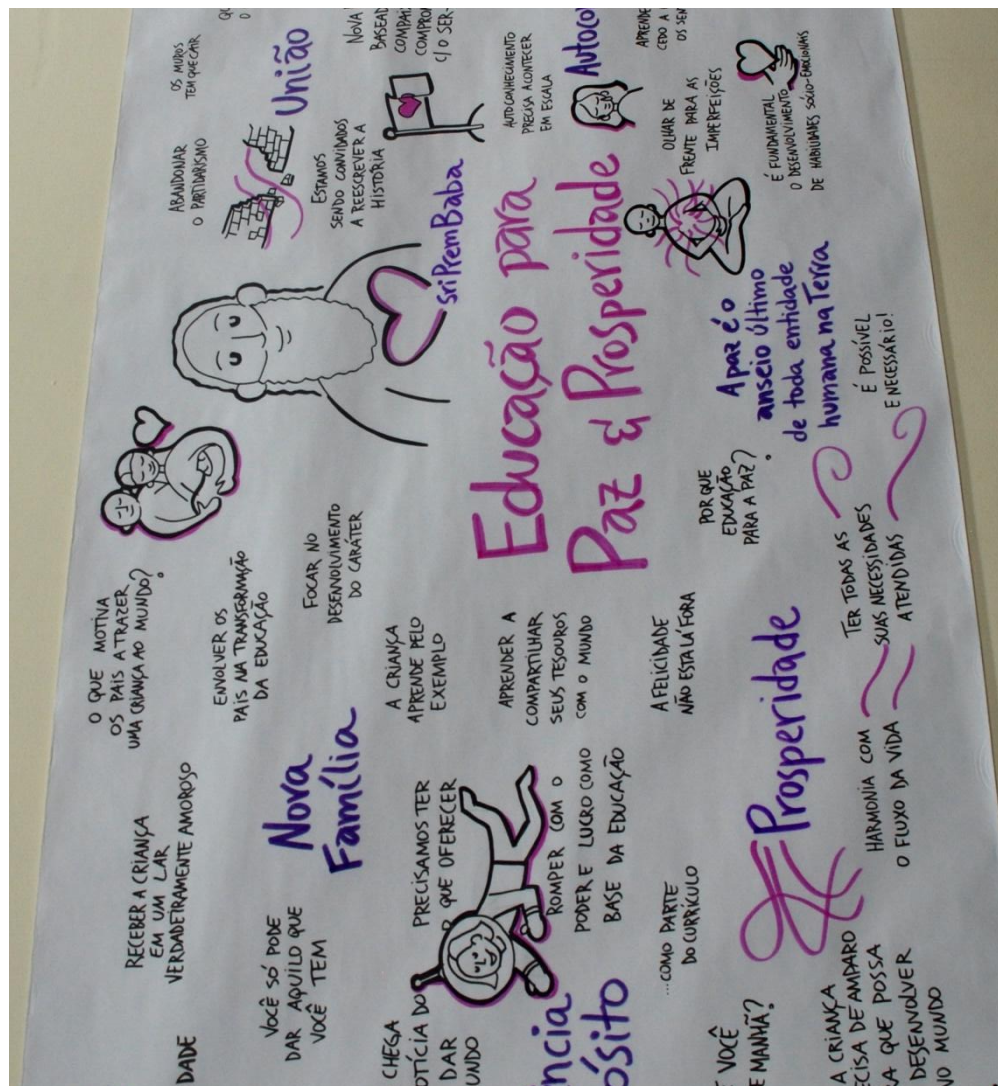


Figura 8: Facilitação gráfica da palestra "Educação pela paz" com Prem Baba

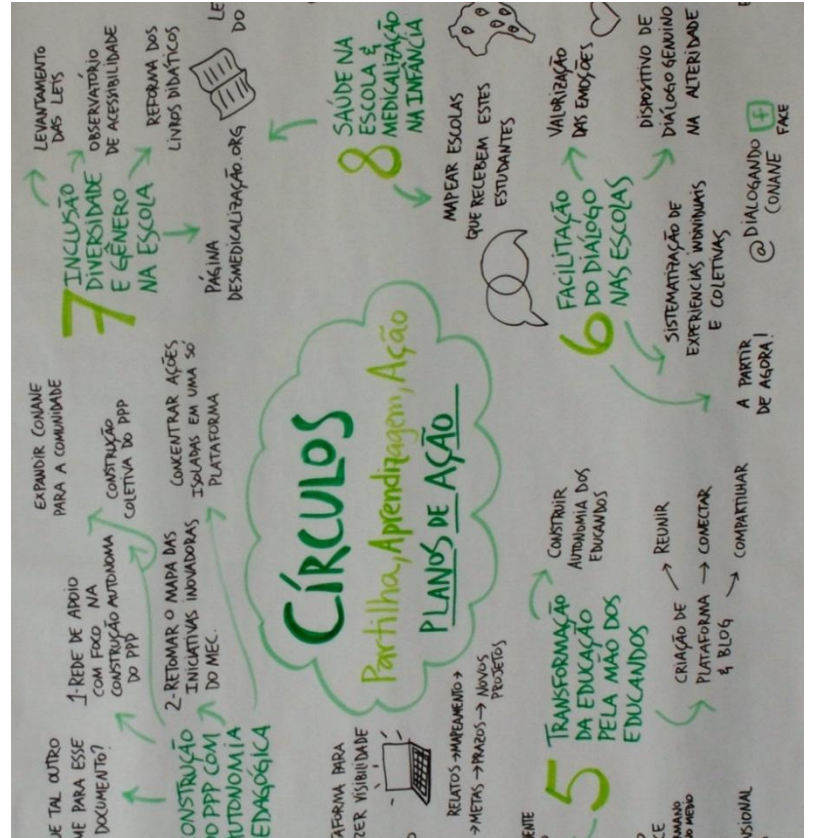
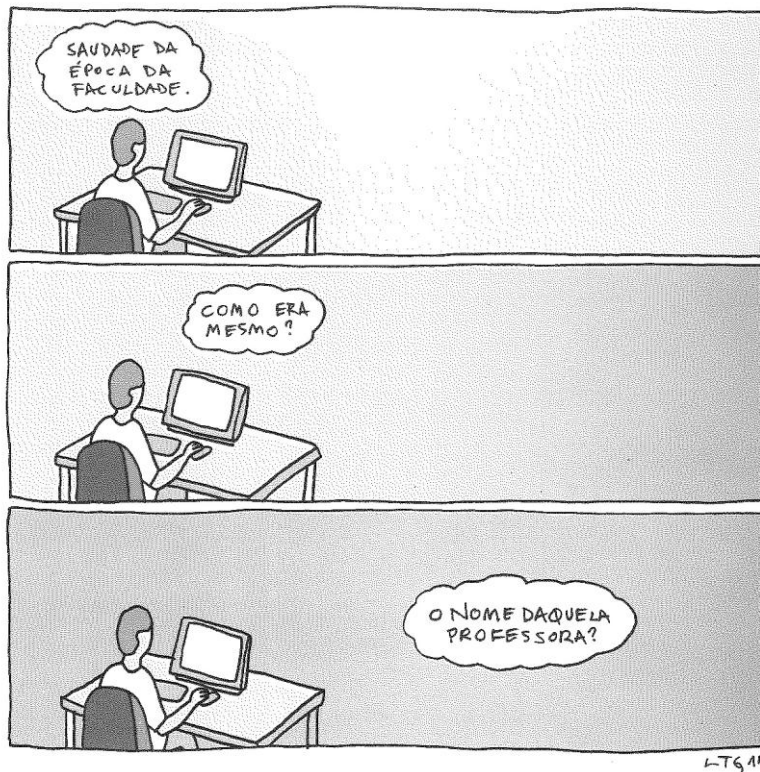


Figura 9: Facilitação gráfica dos planos de ação de cada círculo formado na III CONANE

Anexo E: Acervo de quadrinhos da pesquisa



Quadrinho 4: Cores: a revolução começa no quarto de brinquedos, de Carol Rossetti, p 10 (2016).



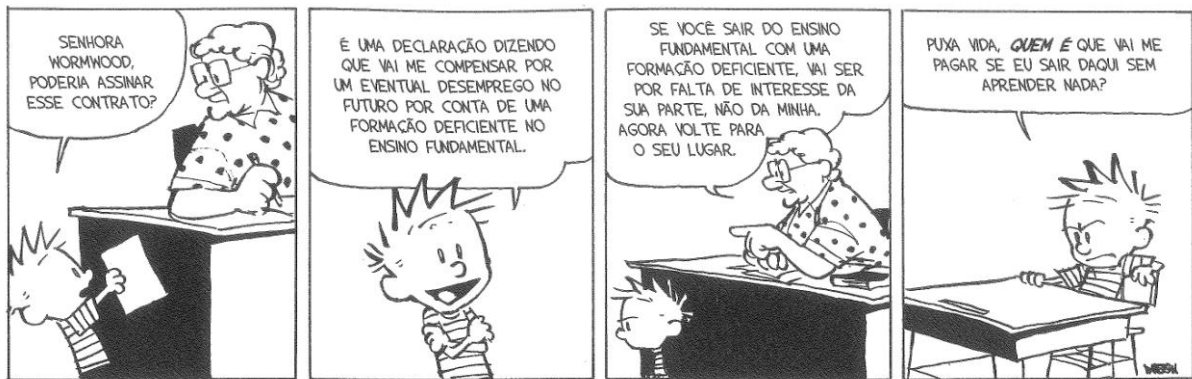
Quadrinho 5: Quadrinhas, de Lucas Gehre (2016).



Quadrinho 6: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 23 (2013).



Quadrinho 7: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 26 (2013).



Quadrinho 8: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 37 (2013).



Quadrinho 9: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 48 (2013).



Quadrinho 10: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 58 (2013).



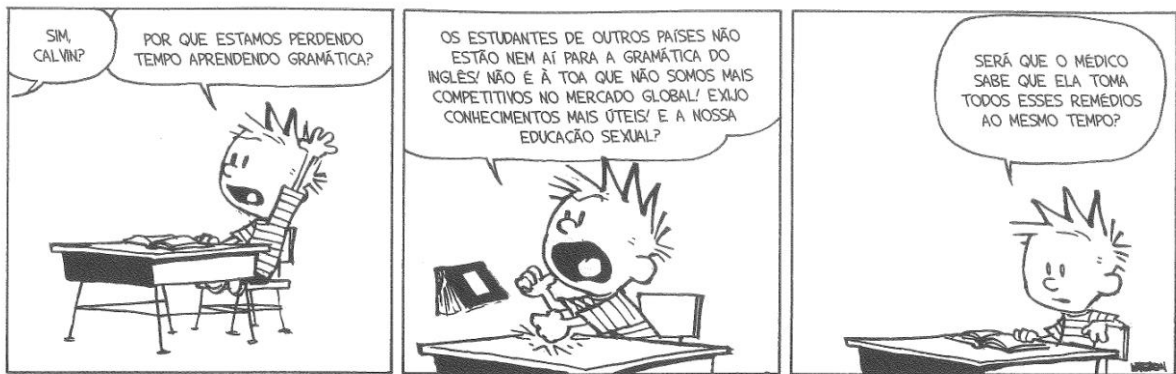
Quadrinho 11: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 90 (2013).



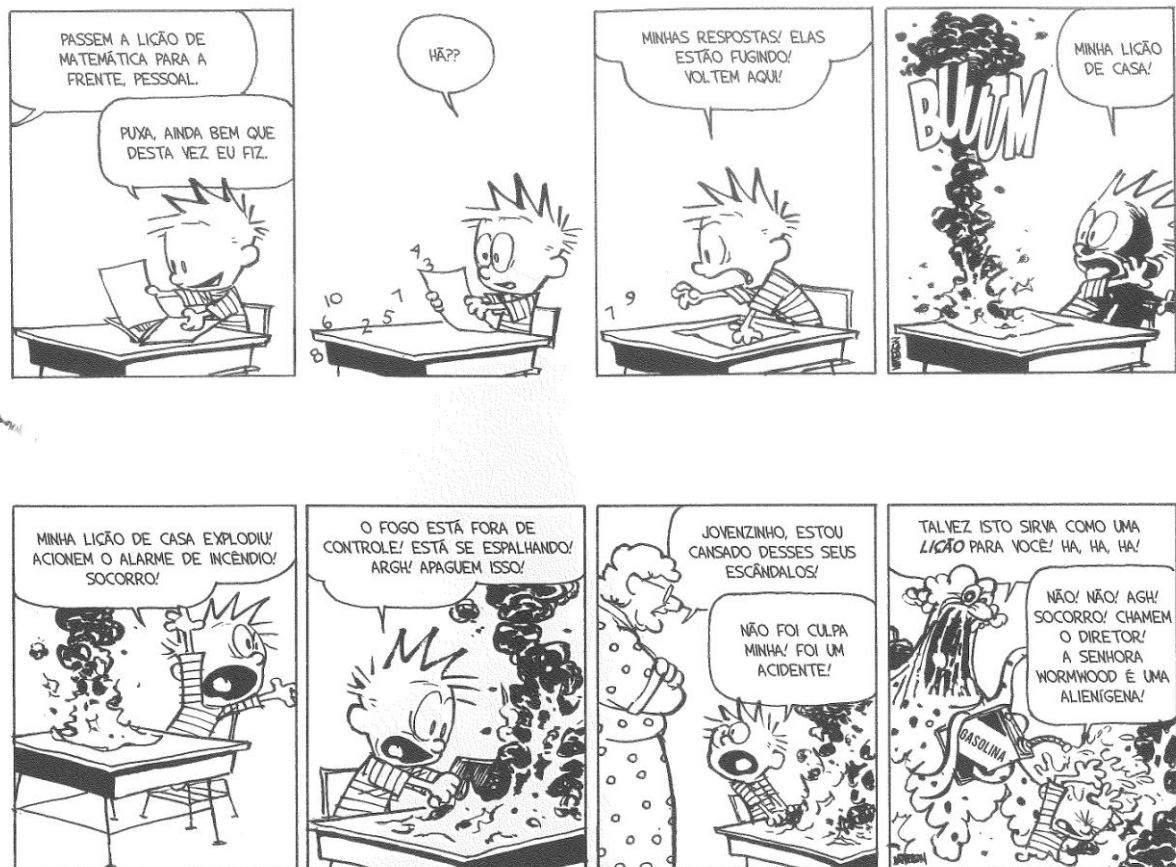
Quadrinho 12: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 91 (2013).



Quadrinho 13: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 99 (2013).



Quadrinho 14: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 106 (2013).



Quadrinho 15: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 114 (2013).



Quadrinho 16: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 115 (2013).



Quadrinho 17: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 119 (2013).



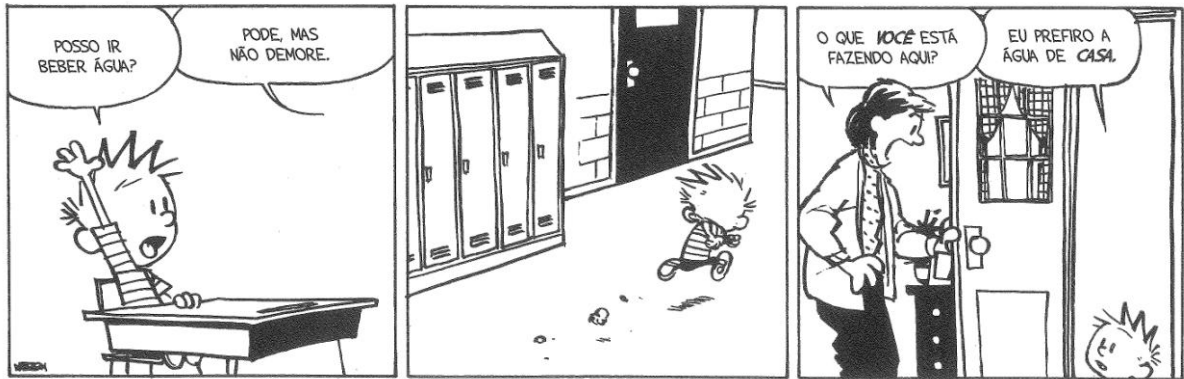
Quadrinho 18: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 133 (2013).



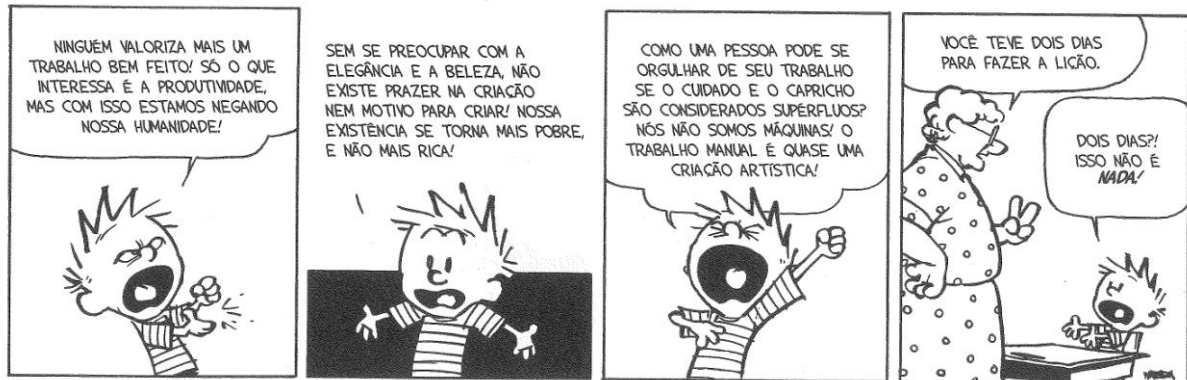
Quadrinho 19: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 142 (2013).



Quadrinho 20: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 161 (2013).



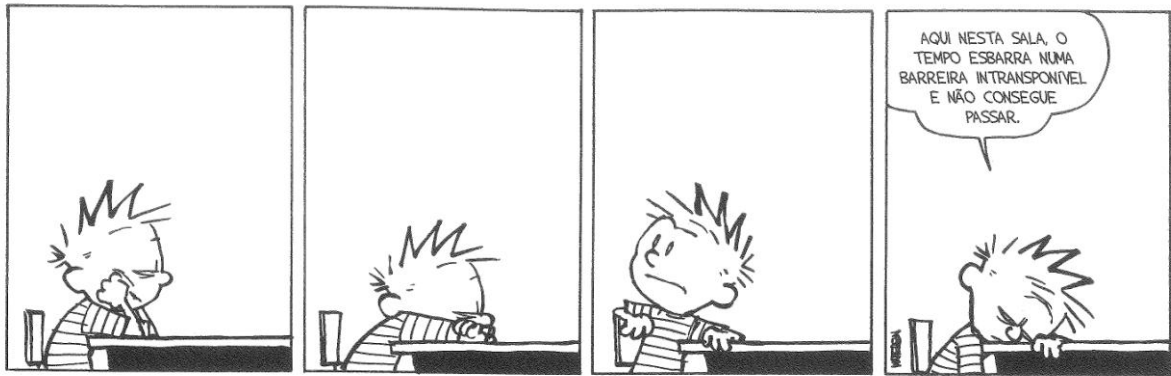
Quadrinho 21: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 172 (2013).



Quadrinho 22: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 173 (2013).



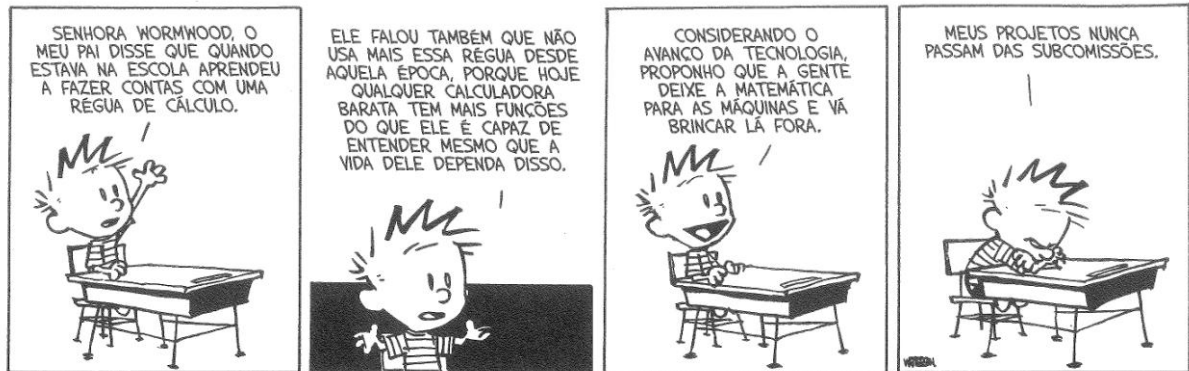
Quadrinho 23: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 174 (2013).



Quadrinho 24: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 10 (2013).



Quadrinho 25: Existem tesouros em todo lugar, de Bill Watterson, p. 11 (2013).



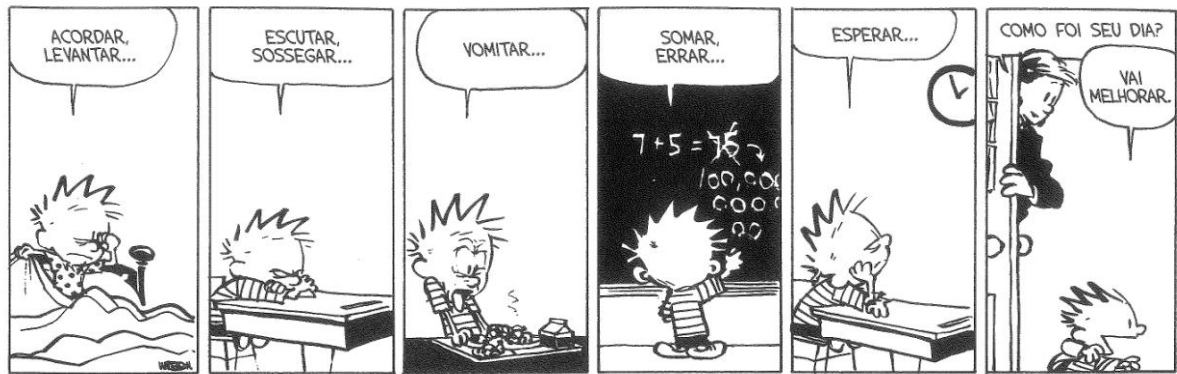
Quadrinho 26: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 18 (2012).



Quadrinho 27: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 19 (2012).



Quadrinho 28: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 21 (2012).



Quadrinho 29: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 25 (2012).



Quadrinho 30: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 41 (2012).



Quadrinho 31: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 42 (2012).



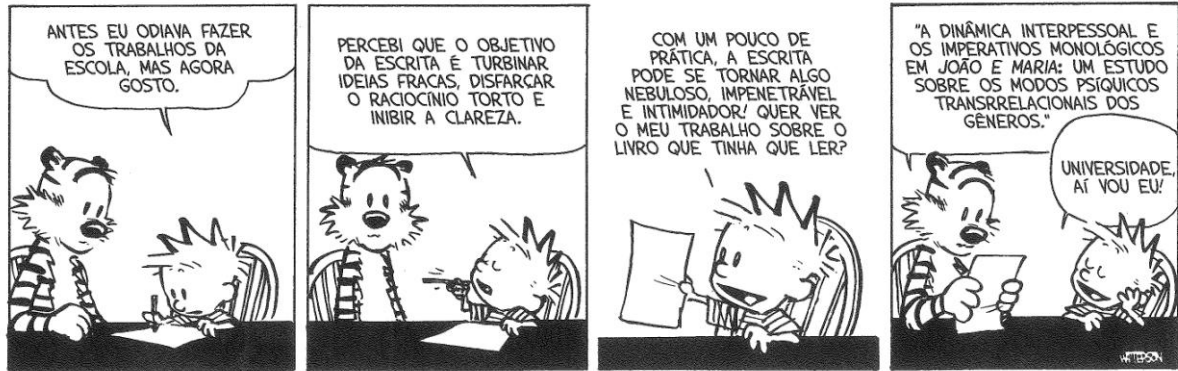
Quadrinho 32: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 43 (2012).



Quadrinho 33: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 57 (2012).



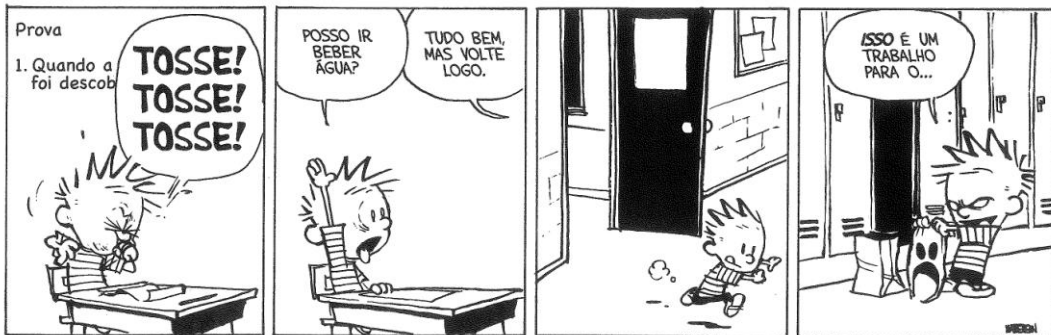
Quadrinho 34: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 58 (2012).



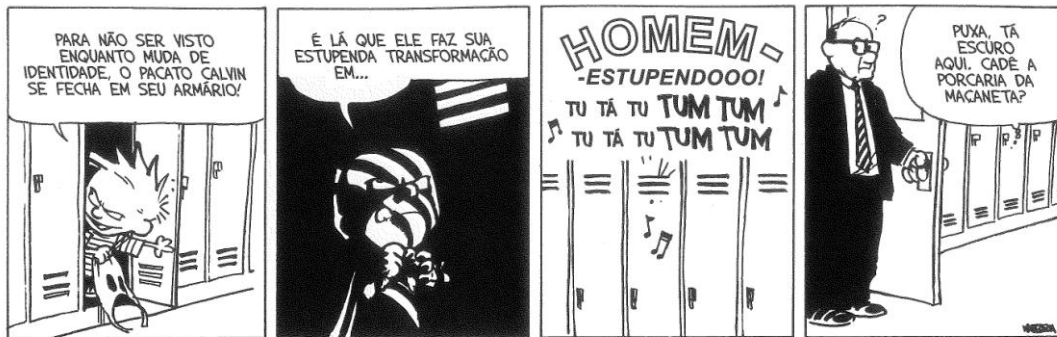
Quadrinho 35: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 62 (2012).



Quadrinho 36: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 69 (2012).



Quadrinho 37: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 70 (2012).



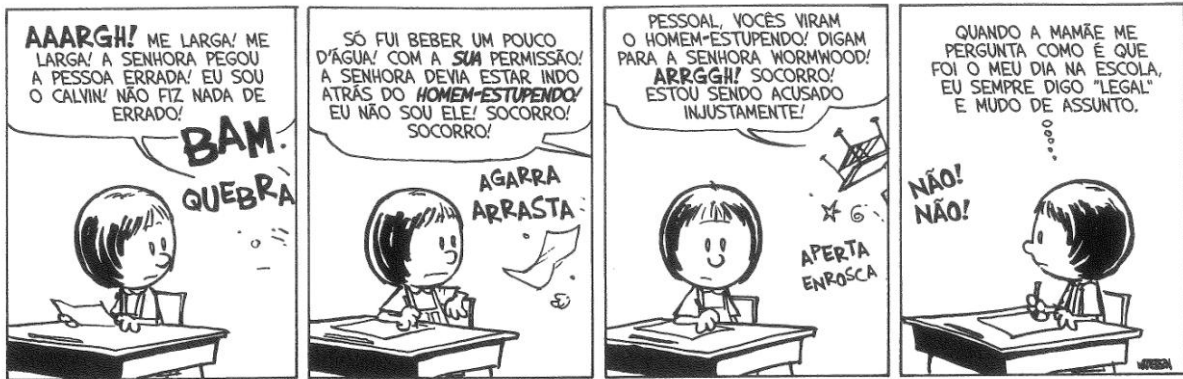
Quadrinho 38: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 71 (2012).



Quadrinho 39: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 72 (2012).



Quadrinho 40: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 73 (2012).



Quadrinho 41: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 74 (2012).



Quadrinho 42: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 78 (2012).



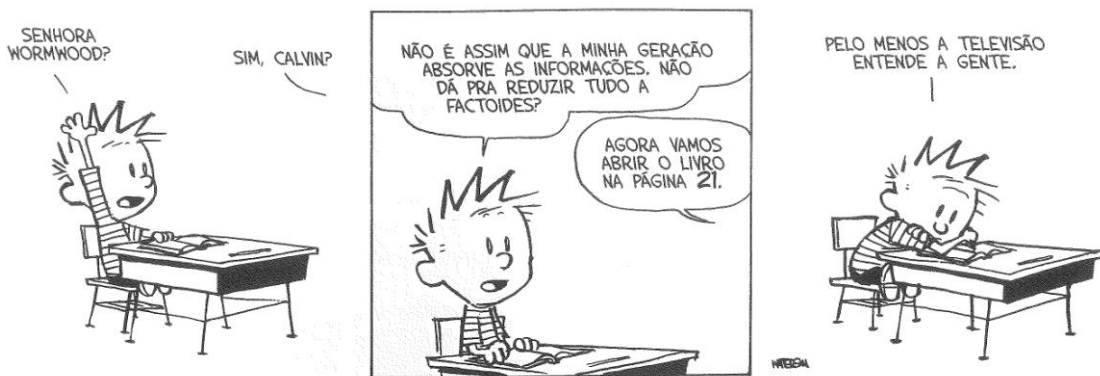
Quadrinho 43: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 81 (2012).



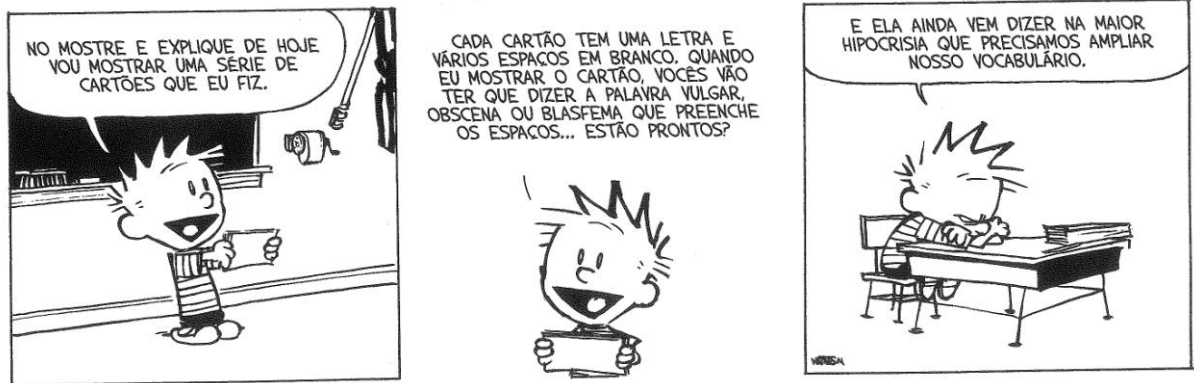
Quadrinho 44: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 85 (2012).



Quadrinho 45: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 88 (2012).



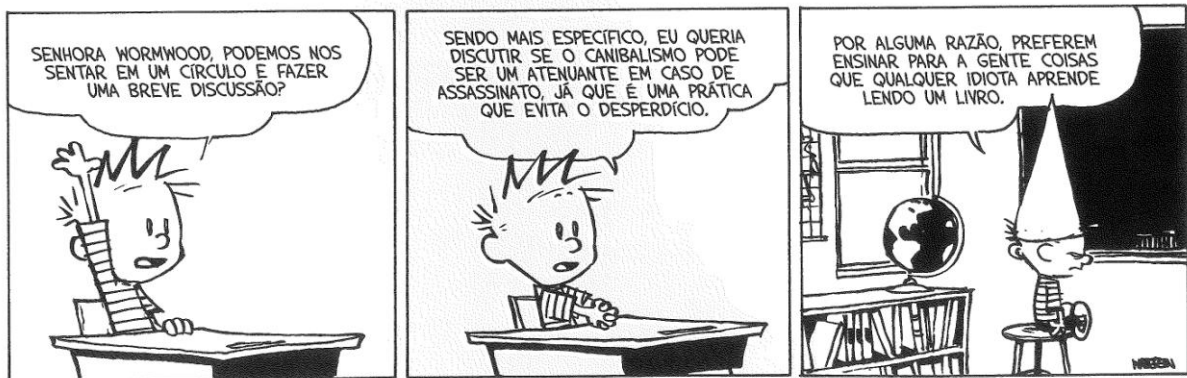
Quadrinho 46: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 93 (2012).



Quadrinho 50: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 121 (2012).



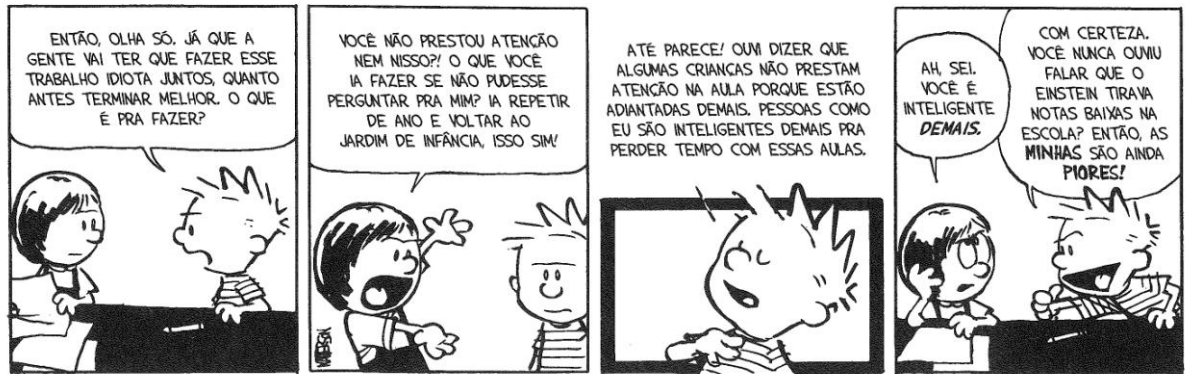
Quadrinho 51: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 124 (2012).



Quadrinho 52: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 125 (2012).



Quadrinho 53: Felino, selvagem, psicopata e homicida: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 128 (2012).



Quadrinho 54: Calvin e Haroldo: O livro do décimo aniversário, de Bill Watterson, p. 70 (2013)



Quadrinho 55: Calvin e Haroldo: O livro do décimo aniversário, de Bill Watterson, p. 71 (2013)



Quadrinho 56: Calvin e Haroldo: O livro do décimo aniversário, de Bill Watterson, p. 73 (2013).



Quadrinho 57: Calvin e Haroldo: O livro do décimo aniversário, de Bill Watterson, p. 74 (2013).



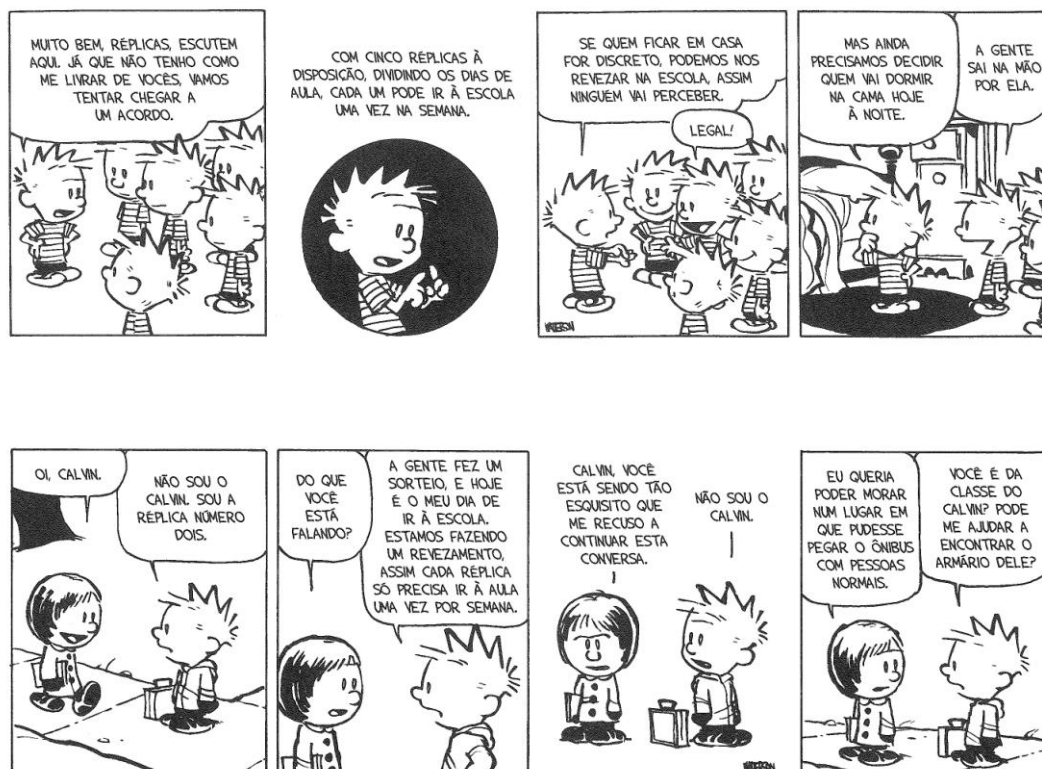
Quadrinho 58: Calvin e Haroldo: O livro do décimo aniversário, de Bill Watterson, p. 96 (2013).



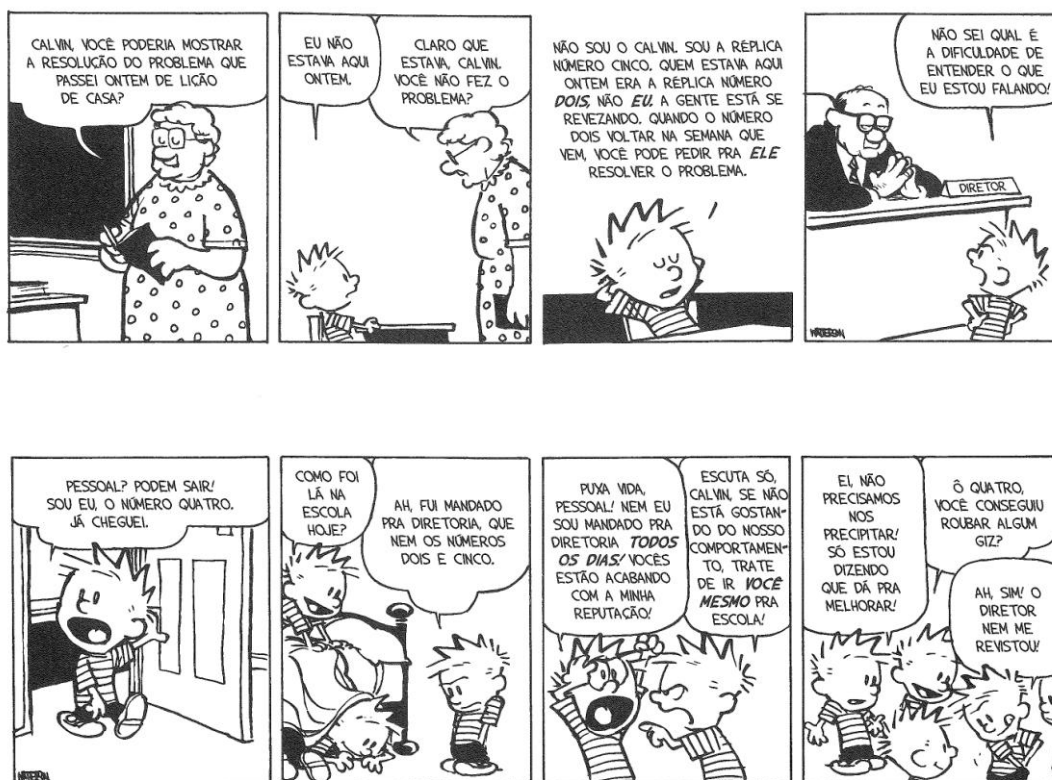
Quadrinho 59: Calvin e Haroldo: O livro do décimo aniversário, de Bill Watterson, p.97 (2013).



Quadrinho 60: Calvin e Haroldo: O livro do décimo aniversário, de Bill Watterson, p.98 (2013).



Quadrinho 61: Calvin e Haroldo: O livro do décimo aniversário, de Bill Watterson, p. 114 (2013).



Quadrinho 62: Calvin e Haroldo: O livro do décimo aniversário, de Bill Watterson, p. 115 (2013).



Quadrinho 63: Calvin e Haroldo: O livro do décimo aniversário, de Bill Watterson, p. 120 (2013).



Quadrinho 64: Calvin e Haroldo: O livro do décimo aniversário, de Bill Watterson, p. 193 (2013).



Quadrinho 65: Os dias estão todos ocupados: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p. 36 (2011).



Quadrinho 66: Os dias estão todos ocupados: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p.45 (2011).



Quadrinho 67: Os dias estão todos ocupados: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p.48 (2011).



Quadrinho 68: Os dias estão todos ocupados: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p.49 (2011).



Quadrinho 69: Os dias estão todos ocupados: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p.51 (2011).



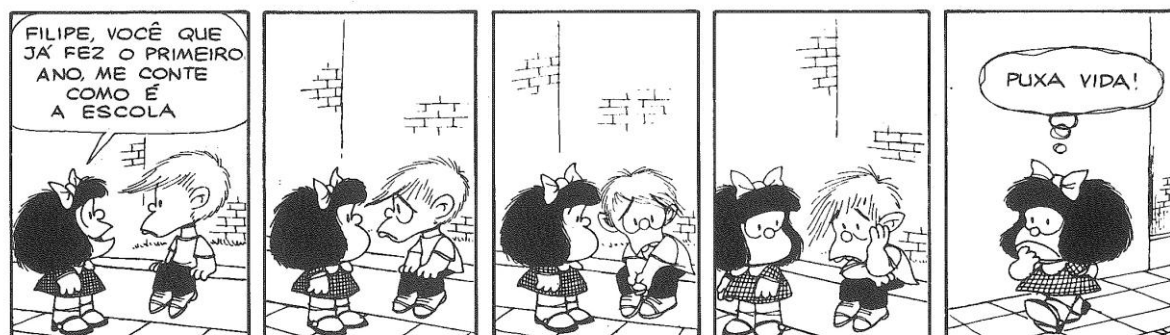
Quadrinho 70: Os dias estão todos ocupados: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p.151 (2011).



Quadrinho 71: Os dias estão todos ocupados: as aventuras de Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, p.164 (2011).



Quadrinho 72: Toda Mafalda, de Quino, p.31 (2010).



Quadrinho 73: Toda Mafalda, de Quino, p.68 (2010).



Quadrinho 74: Toda Mafalda, de Quino, p.69 (2010).



Quadrinho 75: Toda Mafalda, de Quino, p.69 (2010).



Quadrinho 76: Toda Mafalda, de Quino, p.70 (2010).



Quadrinho 77: Toda Mafalda, de Quino, p.71 (2010).



Quadrinho 78: Toda Mafalda, de Quino, p.74 (2010).



Quadrinho 79: Toda Mafalda, de Quino, p.76 (2010).



Quadrinho 80: Toda Mafalda, de Quino, p.79 (2010).



Quadrinho 81: Toda Mafalda, de Quino, p.82 (2010).



Quadrinho 82: Toda Mafalda, de Quino, p.84 (2010).



Quadrinho 83: Toda Mafalda, de Quino, p.106 (2010).



Quadrinho 84: Toda Mafalda, de Quino, p.114 (2010).



Quadrinho 85: Toda Mafalda, de Quino, p.123 (2010).



Quadrinho 86: Toda Mafalda, de Quino, p.153 (2010).



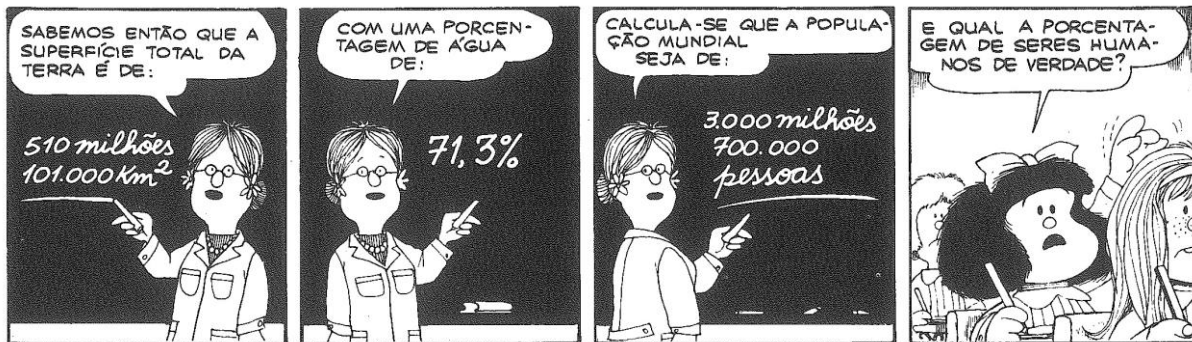
Quadrinho 87: Toda Mafalda, de Quino, p.185 (2010).



Quadrinho 88: Toda Mafalda, de Quino, p.195 (2010).



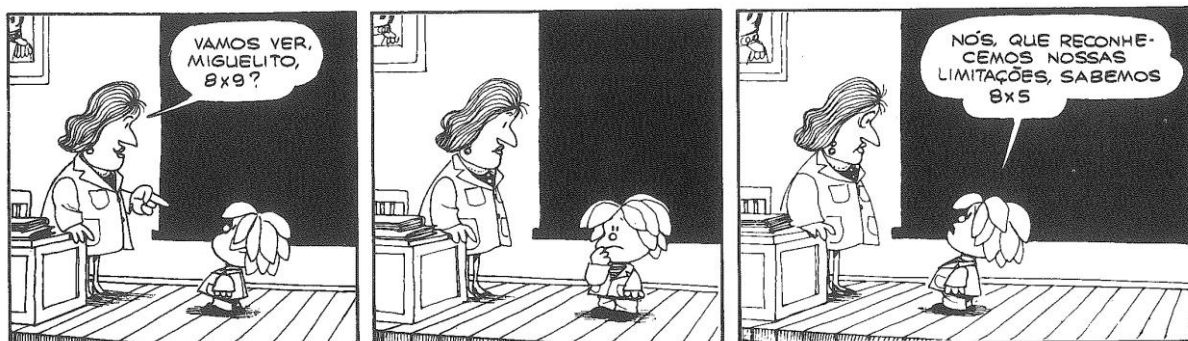
Quadrinho 89: Toda Mafalda, de Quino, p.220 (2010).



Quadrinho 90: Toda Mafalda, de Quino, p.242 (2010).



Quadrinho 91: Toda Mafalda, de Quino, p.248 (2010).



Quadrinho 92: Toda Mafalda, de Quino, p.250 (2010).



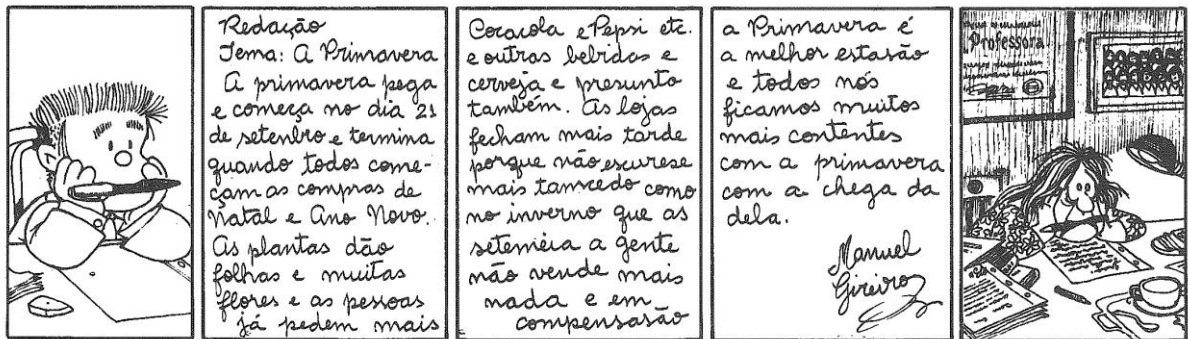
Quadrinho 93: Toda Mafalda, de Quino, p.256 (2010).



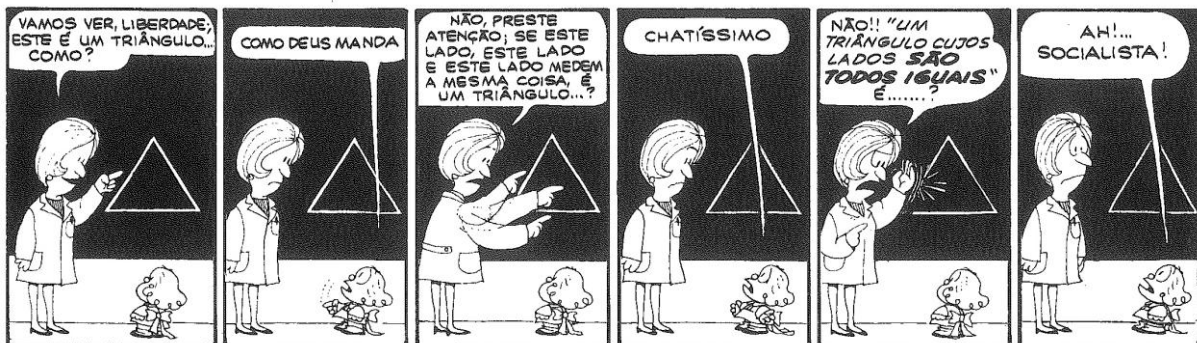
Quadrinho 94: Toda Mafalda, de Quino, p.265 (2010).



Quadrinho 95: Toda Mafalda, de Quino, p.280 (2010).



Quadrinho 96: Toda Mafalda, de Quino, p.298 (2010).



Quadrinho 97: Toda Mafalda, de Quino, p.318 (2010).



Quadrinho 98: Toda Mafalda, de Quino, p.340 (2010).



Quadrinho 99: Toda Mafalda, de Quino, p.342 (2010).



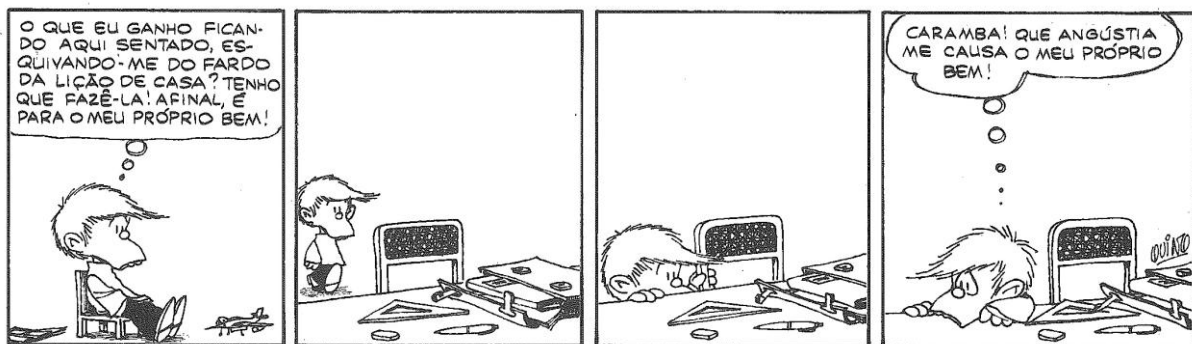
Quadrinho 100: Toda Mafalda, de Quino, p.363 (2010).



Quadrinho 101: Toda Mafalda, de Quino, p.364 (2010).



Quadrinho 102: Toda Mafalda, de Quino, p.369 (2010).



Quadrinho 103: Toda Mafalda, de Quino, p.402 (2010).



Quadrinho 104: Toda Mafalda, de Quino, p.407 (2010).



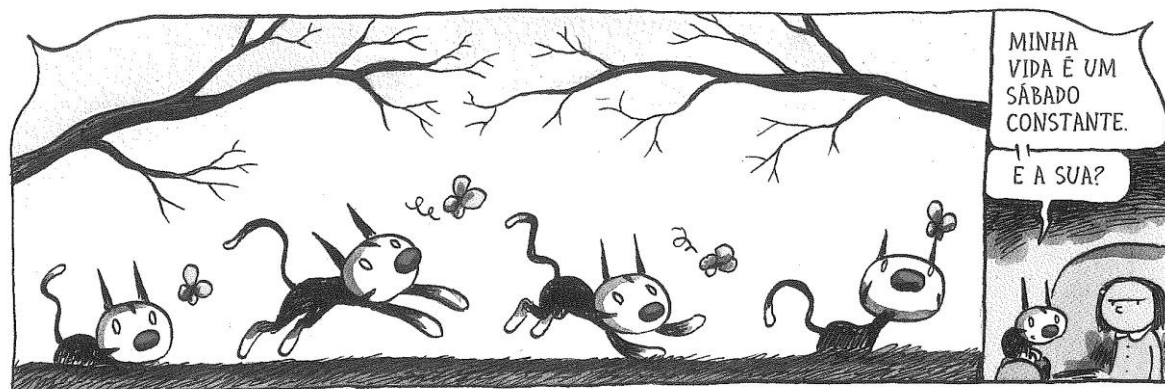
Quadrinho 105: Toda Mafalda, de Quino, p.407 (2010).



Quadrinho 106: Toda Mafalda, de Quino, p.410 (2010).



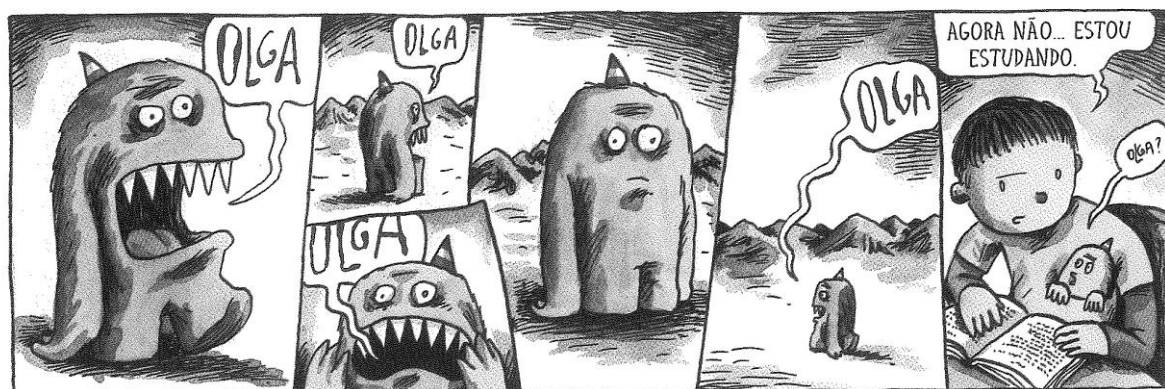
Quadrinho 107: Macanudo 6, de Liniers, p.25 (2013)



Quadrinho 108: Macanudo 6, de Liniers, p.32 (2013)



Quadrinho 109: Macanudo 6, de Liniers, p.41 (2013)



Quadrinho 110: Macanudo 6, de Liniers, p.60 (2013)



Quadrinho 111: Macanudo 6, de Liniers, p.61 (2013)





Quadrinho 113: Persépolis, de Marjane Satrapi, p. (2007).



Quadrinho 114: Persépolis, de Marjane Satrapi, p. (2007).



Quadrinho 115: Persépolis, de Marjane Satrapi, p. (2007).



Quadrinho 116: Persépolis, de Marjane Satrapi, p. (2007).



Quadrinho 117: Retalhos: um romance ilustrado, de Craig Thompson, p. (2009).



Quadrinho 118: Retalhos: um romance ilustrado, de Craig Thompson, p. (2009).